



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**



MARIANA PEIXOTO VALBÃO

**FAKE NEWS E O 8 DE JANEIRO: GUERRA DE INFORMAÇÕES E DEMOCRACIA  
EM RISCO NO BRASIL**

Monografia

Mariana

2024

MARIANA PEIXOTO VALBÃO

**FAKE NEWS E O 8 DE JANEIRO: GUERRA DE INFORMAÇÕES E  
DEMOCRACIA EM RISCO NO BRASIL**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da  
Universidade Federal de Ouro Preto como requisito  
parcial para obtenção do título de Bacharel em  
Jornalismo

Orientadora: Prof. Hila Rodrigues

Mariana

2024

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

V139f Valbao, Mariana Peixoto.

Fake news e o 8 de janeiro [manuscrito]: guerra de informações e democracia em risco no Brasil. / Mariana Peixoto Valbao. - 2024.  
68 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Hila Rodrigues.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.  
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Democracia. 2. Documentário (Cinema). 3. Notícias falsas. I.  
Rodrigues, Hila. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 316.77

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Mariana Peixoto Valbão**

**Fake news e o 8 de janeiro: guerra de informações e democracia em risco no Brasil**

**Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel**

Aprovada em 16 de outubro de 2024

### Membros da banca

Prof.(a) Dr(a). Hila Rodrigues - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Prof.(a) Dr(a). Cláudio Rodrigues Coração - (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Prof.(a) Me. Pedro Antun Lavigne de Lemos - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Hila Rodrigues, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 25/10/2024



Documento assinado eletronicamente por **Hila Bernardete Silva Rodrigues, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 25/10/2024, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0801205** e o código CRC **59BC7F1D**.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me guiado até aqui e me mantido forte e protegida em busca dos meus objetivos.

À minha família, em especial a meus pais, Eduardo e Lidiane, que jamais mediram esforços para que eu pudesse me realizar de diversas formas e que, mesmo à distância, demonstraram amor e zelo em cada passo da minha trajetória.

À minha irmã, Maria Eduarda, que me acalma nos momentos difíceis e torna meus sonhos mais possíveis.

Ao meu namorado, Filipe, que sempre me alegrou e soube lidar com meu nervosismo no encerramento deste ciclo.

Aos meus amigos do Jornalismo que tornaram minha trajetória acadêmica mais leve e feliz, em especial a Yan, Beatriz, Anna, Matheus e Johan.

À República Maria Bonita, minha segunda família, por jamais soltar minha mão quando precisei.

À minha orientadora Hila Rodrigues pelo apoio, dedicação e paciência ao longo de todo o desenvolvimento do meu estudo. Sem sua confiança, a realização deste trabalho não seria possível.

À Universidade Federal de Ouro Preto, pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

## RESUMO

Esta pesquisa recorre à produção audiovisual para analisar as formas como o fenômeno das *fake news* disseminadas em grande escala nas mídias sociais contribuiu para o adoecimento social de parte dos eleitores brasileiros na última década, com destaque para o ano de 2023, quando grupos da extrema direita atentaram contra a democracia no dia 8 de janeiro. O estudo se apoia no conceito de *anomia social* do sociólogo Émile Durkheim para examinar trechos específicos dos documentários *Democracia em Vertigem* (2019), *Extremistas.br* (2023) e *Ato 18 - O Golpe contra Lula* (2023). Recorrendo ao método da *descrição densa*, do antropólogo Clifford Geertz, foi possível evidenciar, nos grupos bolsonaristas, os efeitos comportamentais e emocionais do aumento da circulação de informações falsas e do radicalismo dos discursos proferidos, que culminaram nos atos terroristas em Brasília.

**Palavras-chave:** Documentário; *Extremistas.br*; *Democracia em Vertigem*; *Ato 18*; *Fake News*; Democracia.

## ABSTRACT

This research uses audiovisual production to analyze the ways in which the phenomenon of fake news disseminated on a large scale on social media contributed to the social illness of part of Brazilian voters in the last decade, with emphasis on the year 2023, when extreme right-wing groups attacked democracy on January 8<sup>th</sup>. The study relies on sociologist Émile Durkheim's concept of social anomie to examine specific excerpts from the documentaries *Democracia em Vertigem* (2019), *Extremistas.br* (2023) and *Ato 18 - O Golpe contra Lula* (2023). Using the method of dense description, by anthropologist Clifford Geertz, it was possible to highlight, in Bolsonaroist groups, the behavioral and emotional effects of the increase in the circulation of false information and the radicalism of the speeches given, which culminated in the terrorist acts in Brasília.

**Keywords:** Documentary; *Extremistas.br*; *Democracia em Vertigem*; *Ato 18*; Fake News; Democracy.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Tweet de Flávio Bolsonaro do dia 20/09/22.....	14
<b>Figura 2:</b> Pais da cineasta Petra Costa ao centro da imagem durante a ditadura .....	29
<b>Figura 3:</b> Capa de uma das revistas da Veja de 2014.....	31
<b>Figura 4:</b> Acampamento do Quartel-General do Exército, montado por manifestantes bolsonaristas .....	47
<b>Figura 5:</b> Ônibus incendiado por manifestantes bolsonaristas em 12 de dezembro de 2023	49
<b>Figura 6:</b> Ativista Ilze Campos durante motociata de Bolsonaro, em junho de 2021 .....	57
<b>Figura 7:</b> Empresária Rosangela Peçanha com expressão tensa em outubro de 2022 .....	59
<b>Figura 8:</b> Ex-assessor parlamentar Amaury Castanho.....	60



## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. <i>FAKE NEWS</i> E FANATISMOS.....	11
2.1 Impeachment de Dilma e rejeição ao PT.....	15
2.2 Ascensão do Bolsonarismo.....	17
2.3 As redes sociais como ferramenta política.....	19
2.4 Civilidade em risco.....	21
3. LINHA DO TEMPO NAS TELAS.....	26
3.1 - <i>Democracia em Vertigem</i> - o Golpe.....	28
3.2 - <i>Extremistas.br</i> - a consolidação do bolsonarismo.....	36
3.3 - Ato 18 - operações psicológicas.....	45
3.4 - Os docs e a realidade: contexto e produção narrativa.....	51
4. ANOMIA SOCIAL.....	54
4.1 - Anomia e ilusão.....	56
4.2 - Anomia e medo.....	58
4.3 - Anomia e raiva.....	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	67

## 1. INTRODUÇÃO

A democracia, regime originado na Grécia antiga, é pautada no mundo contemporâneo em ordenamentos jurídicos que representam os três poderes de um governo – o Executivo, o Judiciário e o Legislativo. No Brasil, a Constituição Federal de 1988 está no topo desse ordenamento jurídico para que as normativas validadas sejam aplicadas em todo o território. Na teoria, as práticas legais costumam ser incentivadas no próprio âmbito dos poderes para que a sociedade cumpra seus deveres com a civilidade estabelecida (BIGNOTTO, 2019; LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, 2018). Desde a ditadura militar brasileira (1964-1985), no entanto, o país não passava por uma experiência tão forte de afronta aos pilares constitucionais, como se viu no mandato de Jair Bolsonaro (PL).

Impulsionado pela força das redes sociais nos últimos dez anos, o ex-presidente ganhou um grande número de eleitores, principalmente dos segmentos até então desinteressados em política, mas entusiasmados com a possibilidade de alternância do poder em Brasília, a partir da saída do PT do Palácio do Planalto – o que se concretizou em 2016, com o impeachment de Dilma Rousseff (SOUZA, 2016). Embora o então vice-presidente Michel Temer (MDB) tenha terminado o mandato como presidente em exercício, a bipolarização entre os extremos já havia incendiado as redes sociais. Com o crescente acesso de diferentes usuários à web, grupos em aplicativos de mensagens – sempre envolvidos com o bombardeio de notícias – passaram a fazer parte da rotina diária de milhões de brasileiros, desapontados com os escândalos de corrupção que haviam sido descobertos durante o governo do Partido dos Trabalhadores, representado, principalmente, pela figura do ex-metalúrgico e atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva (GALLEGO, 2018; SOUZA, 2016).

A ira dos que se diziam decepcionados com o governo petista estimulou uma crise política observada em certos setores da esquerda, o que contribuiu para o aumento dessa guerra de informações. Todo esse contexto de caos – e de enganações estimuladas por membros da extrema direita – transformou a polarização da política em uma guerra do “bem” contra o “mal”, onde os bolsonaristas demonizavam a esquerda e, em especial, o PT. O resultado desse antagonismo? A união de forças reunidas num movimento antipetista decidido a impedir uma eventual vitória de Lula nas eleições de 2022 – já que o ex-sindicalista foi, por muito tempo, o “inimigo” perfeito na narrativa orquestrada pela extrema direita (ROCHA, 2024; SOUZA, 2017)

Representando valores e princípios mais progressistas, o petista, ao se reeleger pela terceira vez, acabou por ser vítima de uma nova tentativa de golpe em 8 de janeiro de 2023.

Esse movimento revelou o alto grau de risco ao qual a democracia brasileira estava sujeita em função dos ideais da extrema direita. Naquela data, flagrados pela imprensa de todo o país – e, em especial, pelas redes sociais –, bolsonaristas radicais invadiram a sede dos Três Poderes, ocupando os prédios do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal, promovendo uma destruição relevante desses espaços. O fanatismo político transparecia no comportamento terrorista dos manifestantes, que haviam, semanas antes, montado vários acampamentos<sup>1</sup> em pontos do país desde a derrota de Bolsonaro para Lula nas urnas. Relatos de alguns observadores nos campos político e da imprensa indicam que esses manifestantes se mostravam em desconexão com a realidade (ROCHA, 2024).

Todos esses acontecimentos viriam a ser abordados por produções audiovisuais, algumas em formato de série documental produzidos por plataformas de *streaming*. Um conjunto específico dessas narrativas é o objeto da presente pesquisa, que pretende refletir sobre o adoecimento social registrado em alguns dos *takes* dessas gravações. Três produções foram escolhidas a partir dos diferentes recortes que fazem desses episódios. O primeiro deles é o documentário *Democracia em Vertigem* (2019), dirigido pela cineasta Petra Costa e produzido por Joanna Natasegara, Tiago Pavan e Shane Boris. Na produção, é traçada uma linha do tempo da política brasileira desde a redemocratização, em 1988, até o processo de *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016. Na sequência, a série do diretor Caio Cavechini, *Extremistas.br* (2023), que foi produzida pelo jornalismo da Globo por cerca de dois anos e lançada poucos dias após o atentado em Brasília. Ao longo de oito episódios, a produção mostra a escalada do bolsonarismo no Brasil através de ativistas e influenciadores que se engajaram com ideologias da extrema direita na última década. Além disso, relaciona a ascensão das narrativas radicais à ferramenta das plataformas digitais e alguns meios de comunicação. Por fim, na série documental *Ato 18: O Golpe contra Lula* (2023), produzido pela Fórum Filmes e dirigido pelo jornalista Luiz Carlos Azenha, que estabelece uma ordenação dos fatos que culminaram no 8 de janeiro. Em três episódios, a produção esmiúça os acontecimentos terroristas que tomaram conta da capital federal.

Nas reflexões propostas, alguns importantes elementos são o contexto histórico, social e político do país, assim como a influência da mídia hegemônica na disseminação do radicalismo por trás dos eventos. Um exemplo está no antipetismo, largamente estimulado pela imprensa brasileira (RIBEIRO, 2018). A esse cenário, agrega-se a disseminação

---

<sup>1</sup> Ver mais em reportagem do G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/30/entenda-acampamentos-bolsonaristas-violencia-terrorismo.ghtml>> Acesso em 24 de out. 2024.

incontrolada das *fake news*, um ponto fundamental para se compreender a ascensão do bolsonarismo na era da pós-verdade<sup>2</sup>.

Por alguns anos, o viés do fascismo, regime de cunho ideológico que valoriza ideais de nação e raça em detrimento de valores individuais (STANLEY, 2018), esteve por trás do governo. Isso pôde ser observado desde o primeiro ano de mandato de Jair Bolsonaro e resultou, posteriormente, no crescimento indisfarçável do discurso de ódio que cegou parte da sociedade. Muitas pessoas se negaram a acreditar, por exemplo, na legitimidade do sistema de apuração de votos durante as eleições de 2022.

Assim, o objetivo aqui é entender, a partir dos registros produzidos pelas três produções audiovisuais, de que forma o fenômeno das *fake news*, ligado à ascensão das mídias sociais, contribuiu para o fanatismo político protagonizado pela extrema direita, gerando um cenário de patologia social coletiva que culminou na instabilidade da democracia refletida nos atos de 8 de janeiro, em Brasília. A ideia é examinar os desdobramentos do protagonismo de algumas das figuras envolvidas nesses atos – pessoas que instigaram vários grupos a investirem no cenário de caos, pessoas que foram orientadas por meio das redes sociais e que compareceram às manifestações antidemocráticas agindo contra as instituições representantes dos Três Poderes. Grupos que, desta maneira, participaram efetivamente de uma tentativa de golpe contra o Estado.

A partir da compreensão desses fenômenos, esta pesquisa também discute como a alienação e a perda da racionalidade levou grandes grupos de eleitores brasileiros a se manifestarem de forma adoecida, descolados da realidade, revelando traços de *anomia social*, um importante conceito trabalhado pelo sociólogo Émile Durkheim. Para ele, o mal-estar do mundo moderno está no centro dos cenários de instabilidade que levam à desintegração das normas sociais. Os modos de expressão dessa alienação e desse descolamento da realidade são abordados, aqui, a partir do método de *descrição densa* proposto pelo antropólogo Clifford Geertz. Essa metodologia permite examinar melhor as ações sociais a partir da análise do sentido que os sujeitos dão às próprias ações, ou seja, fazendo com que a pesquisa interprete esses possíveis significados levando em conta contextos específicos – sociais, culturais e históricos. Neste trabalho, a *descrição densa* foi aplicada para identificar o sentido que alguns bolsonaristas extremistas acionaram ao tomar determinadas atitudes. A ideia é mostrar a

---

<sup>2</sup> A era da pós-verdade é definida, por exemplo, pelo autor Matthew D’Ancona em seu livro *Pós-verdade – a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news* como “uma época em que a arte da mentira está abalando as próprias fundações da democracia e do mundo como o conhecemos”. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8652833/19048>> Acesso em 24 out. 2024.

existência de uma lógica interna de pensamento. Isso porque certas atitudes (algumas tomadas, inclusive, por ações terroristas), não teriam sentido (mesmo para esse grupo) se tiradas do contexto social e histórico da última década.

Desta forma, o primeiro capítulo trata do advento das *fake news* articulado ao fanatismo no campo político, do descontentamento da elite econômica com o PT e do *impeachment* de Dilma Rousseff, da ascensão de Jair Bolsonaro e do uso das redes sociais como ferramenta – o que pôs em risco a civilidade no país. Para isso, recorreu-se a obras de autores como Jessé Souza, Bruno Frederico Müller, João Cezar Castro de Rocha e Ricardo Lísias, entre outros.

Já o segundo capítulo examina as particularidades das produções audiovisuais selecionadas para as reflexões propostas. Os documentários são abordados separadamente – para serem relacionados num segundo momento – de modo a oferecer ao leitor alguns exemplos de imagens e depoimentos relevantes para o debate pretendido. Algumas imagens representam o cenário de extremismo e de patologia social já mencionados. Examinando cada episódio dessas três produções, a ideia é relembrar os principais acontecimentos que marcaram a era bolsonarista e a disputa ferrenha e violenta entre extrema direita e esquerda. A partir desse detalhamento minucioso das cenas, é possível marcar as diferenças ideológicas presentes no fenômeno da radicalização das narrativas – especialmente daquelas construídas com discursos conservadores do tipo “Deus, Pátria e Família”.

O terceiro e último capítulo articula os atos coletivos cometidos – principalmente os de 8 de janeiro de 2023 – a um distúrbio social vivenciado pela população depois de vários anos marcados por uma escalada crescente de *fake news*. Espera-se que esse estudo possa contribuir para a ampliação das reflexões e dos debates acerca dos enormes riscos presentes na livre circulação das notícias falsas e dos discursos de ódio que, por meio das redes sociais, principalmente, permanecem adoecendo grandes parcelas da população no Brasil e no mundo.

## 2. FAKE NEWS E FANATISMOS

Em meio aos países que redescobriram a extrema direita em sua história recente, através de novos personagens políticos, de fato está o Brasil. Num movimento que reforça seus próprios preconceitos no campo político-ideológico, eleitores da extrema direita passaram a usar as mais variadas fontes de informação para reforçar suas ideias conservadoras, aumentando, para com os progressistas, suas diferenças ideológicas. Após governos de centro-esquerda promoverem, durante anos, uma série de políticas redistributivas, como, por exemplo, com a promoção de benefícios sociais através de programas como o Bolsa Família, algo na elite econômica acendeu para que o conservadorismo estivesse de volta no Congresso. O dogmatismo, que, ao menos no Brasil, esteve adormecido durante o governo do Partido dos Trabalhadores, entre os mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016), foi reacendido não apenas pela direita democrática, mas também por movimentos extremistas mais recentes.

Embora esta pesquisa se atenha especialmente no atentado em Brasília, no dia 8 de janeiro de 2023, acontecimentos anteriores precisam ser tratados aqui, já que estão ligados ao antipetismo e à disseminação das *fake news*, dois elementos indicadores da frustração e do ressentimento da classe média alta com as políticas redistributivas implementadas pelo PT em favor das classes mais pobres. Historicamente acostumados com privilégios e ideais conservadores (SOUZA, 2017), os segmentos da elite econômica se sentiram ameaçados financeiramente, mas também em relação a outros aspectos, como os que envolvem os valores cristãos em uma sociedade regida pela religião desde seus primórdios. A elite econômica nunca apoiou as políticas sociais propostas pela esquerda, especialmente com a visão de um partido como o PT, que surgiu da organização sindical de operários, no final da década de 1970. No livro *A Elite do Atraso: da Escravidão à Lava Jato*, Souza afirma que “a corrupção era fachada para o verdadeiro objetivo das classes médias, que era interromper o projeto de ascensão social dessas classes para que continuem sendo – exatamente como os escravos do passado – odiadas, super exploradas e desprezadas” (SOUZA, 2017, p. 102).

Os anos que antecederam a esse novo crescimento da extrema direita no Brasil foram marcados, ainda, pela oposição ferrenha a grandes projetos sociais como o Bolsa Família, implementado pelo governo Lula. Na concepção de Souza, essa oposição às políticas públicas voltadas para os segmentos economicamente mais vulneráveis da população está relacionada a uma estigmatização dos pobres por parte dos mais ricos, e também a um “trabalho midiático de

criminalização da esquerda e da própria ideia de igualdade” (SOUZA, 2017, p. 104). Nesse sentido, Bolsonaro apregoava o que seus eleitores queriam ouvir. Dizia, por exemplo, que o programa Bolsa Família servia para aqueles pobres que não queriam trabalhar. As opiniões de Bolsonaro, muitas vezes disseminadas de forma corriqueira e em tom sarcástico, acabaram por contribuir para uma visão distorcida desse tipo de ação governamental, decorrente de ideologias progressistas de combate à desigualdade.

O fanatismo<sup>3</sup> político demonstrado por segmentos da extrema direita afetou grande parcela da sociedade também sob o aspecto psicológico. As ações nesse campo contribuíram para a disseminação do medo, das teorias da conspiração e do ódio – tudo isso em cadeia. A guerra de informações produziu desconhecimento, uma ignorância em massa. A justificativa para o antipetismo, qualquer que fosse, passou a ser “visceral e não racional” (AQUINO, 2019, p.247). O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) emerge, então, como alternativa para o combate daquilo que a extrema direita repudiava. No campo comportamental, JB (forma como Jair Bolsonaro será citado nesta pesquisa) surgia como escudo contra a degradação moral identificada, pelos segmentos conservadores, em pautas como a descriminalização do aborto, controle rigoroso para o uso de armas, legalização do uso da maconha e união entre pessoas do mesmo sexo, entre tantas outras. No campo político-econômico, ele representava o fim das políticas sociais petistas voltadas para a população carente em variadas áreas. Além disso, JB emergia como possibilidade de pôr fim aos governos do PT que se sucediam de 2003 a 2016. Ali, parecia haver um pacto político para obter vitórias em campos diversos a partir da barbárie, como observa Abrucio:

O mais impressionante é que o pacto macabro com o atraso não é a pior característica do bolsonarismo. O seu caminho orientador é alimentar a barbárie na sociedade. Isso passa tanto pelo apoio a soluções violentas frente aos conflitos públicos, como pela disseminação do ódio contra grupos e atores sociais considerados inimigos (ABRUCIO, 2022, *online*).

Embora essa radicalização tenha tomado conta do país por pelo menos quatro anos, Bolsonaro não agiu sozinho. Sua presença no âmbito político foi justificada e mantida com o apoio de outros políticos sob o argumento de que um novo projeto econômico era necessário. Uma vez no Palácio do Planalto, ele viabilizou várias de suas propostas com o apoio, por exemplo, de Arthur Lira, presidente da Câmara dos Deputados, que se dispôs a aprovar temas

---

<sup>3</sup> O significado do termo fanatismo, aqui, é exatamente aquele que configura nos dicionários: qualidade daquilo que adere cegamente à doutrina ou partido (Dicionário Aurélio), faccionismo, adesão cega e inconsiderada a um partido, opinião ou pessoa (Dicionário Priberam).

de interesse comum. A aliança acabou por gerar a desestruturação do Estado brasileiro, que viu suas políticas públicas serem colocadas de lado em um cenário de constante incentivo à destruição de ações voltadas para as classes menos favorecidas da população. Nesse sentido, Abrucio chega a dizer que “Bolsonaro acabou com essa era de modernização fazendo um casamento perverso entre o atraso e a barbárie. A junção com o patrimonialismo arcaico (e arcaizante) tem seu símbolo máximo na aliança com o Centrão” (ABRUCIO, 2022, *online*).

Ao mesmo tempo, nas redes sociais, o fluxo de informações falsas se intensificou ainda mais e as narrativas marcadas pelo ódio passaram a caracterizar ainda mais as postagens. A disseminação de “alertas” quanto a uma ameaça comunista, por exemplo, viria a ser descoberta posteriormente como uma das ferramentas do chamado *Gabinete do Ódio*, gerido por um grupo que, além de espalhar *fake news*, também instigava os apoiadores bolsonaristas com declarações contra os adversários do governo sob ordens do próprio Palácio do Planalto. O funcionamento do *Gabinete do Ódio* seria detalhado no último ano do governo de JB, em agosto de 2022, em um documento produzido pelo juiz Airton da Veiga, auxiliar do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF). O documento, de 121 páginas, justificou a ação da Polícia Federal para a realização de busca e apreensão na casa de empresários que defendiam um golpe de Estado caso Bolsonaro saísse derrotado por Lula, como aconteceu. A existência de uma milícia digital foi comprovada em um relatório da PF enviado ao STF. A delegada da PF, Denise Ribeiro, que assinou o documento, escreveu:

Observa-se também que, além de promover ataque aos veículos tradicionais de difusão de informação (jornais, rádio, TV etc.) e de estimular a polarização e o acirramento do debate, a organização utiliza essa estrutura para atacar de forma anônima diversas pessoas (antagonistas políticos, ministros do STF, integrantes do próprio governo, dissidentes etc.), tudo com o objetivo de pavimentar o caminho para alcance dos objetivos traçados (ganhos ideológicos, político-partidários e financeiros).<sup>4</sup>

O grupo agiu também, segundo a delegada, durante a pandemia da Covid-19, investindo na disseminação de informações falsas. Exemplo disso foram as notícias sobre um suposto tratamento precoce da doença com medicamentos como hidroxicloroquina/cloroquina e azitromicina. O *Gabinete do Ódio* tinha sede no próprio Palácio do Planalto e contava com a participação dos filhos do ex-presidente, Flávio Bolsonaro e Carlos Bolsonaro, frequentemente envolvidos no processo de disseminação dos ataques às instituições democráticas e também na

---

<sup>4</sup>Ver em reportagem de Brasil De Fato, onde o trecho assinado pela delegada foi exposto. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/02/11/pf-confirma-a-existencia-de-gabinete-do-odio-em-relatorio-enviado-ao-stf-leia-o-documento>> Acesso em: 06 fev. 2024.



difusão de *fake news* por meio de suas redes sociais, como é possível ver na figura abaixo. Outra estratégia política foi o apoio a meios de comunicação como a Jovem Pan, que compartilhavam dos ideais da extrema direita e dos segmentos antipetistas, fazendo-se presente durante a guerra de informações. O Ministério Público Federal chegou a pedir o cancelamento de outorgas da emissora por desinformação em 27 de junho de 2023, em uma ação civil pública<sup>5</sup> por condutas ilícitas entre 1º de janeiro de 2022 e 08 de janeiro de 2023.

**Figura 1:** Tweet de Flávio Bolsonaro do dia 20/09/22



Fonte: Twitter

Entre os comentaristas da Jovem Pan mais afinados com a ideologia da extrema direita, o jornalista Alexandre Garcia, ex-funcionário da Rede Globo de Televisão, ganhou destaque ao justificar os atos antidemocráticos do dia 8 de janeiro. Garcia chegou a atribuir legitimidade às ações com base em uma interpretação distorcida da Constituição Federal. “É o poder do povo”, disse, referindo-se ao artigo 1º da Carta. “Nos últimos dois meses as pessoas ficaram paradas, esperando por uma tutela das Forças Armadas. A tutela não veio. Então resolveram tomar a iniciativa”, declarou Garcia durante uma análise da invasão no Jornal da Manhã da emissora, do dia 9 de janeiro de 2023.

Embora os efeitos reais do fenômeno das *fake news* e do fanatismo político tenham vindo à tona de forma mais intensa e mais evidente em 8 de janeiro de 2023, contextos anteriores a essa data já sinalizavam para a possibilidade dos atos terroristas que estavam por vir. Tanto nos setores da sociedade civil que flertavam com movimentos fascistas, quanto no

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2023/06/ACP-MPF-JovemPan.pdf>> Acesso em: 17 jan. 2024.

âmbito do próprio Congresso Nacional, episódios como o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff em 2016 e a ascensão de Bolsonaro e de seus aliados, por exemplo, já indicavam que o debate público daria lugar à radicalização decorrente dos posicionamentos ideológicos da extrema direita, como se verá nas próximas seções.

## 2.1 Impeachment de Dilma e rejeição ao PT

Ao longo da história do país, as gestões do Partido dos Trabalhadores (PT) na Presidência da República alcançaram níveis muitíssimo expressivos de aprovação. Por pelo menos 12 anos, o partido manteve-se como um fator de esperança para as classes mais pobres, principalmente a partir da implementação de políticas sociais robustas e de ações econômicas importantes para o crescimento do país. Com as políticas distributivas, no entanto, o partido, em determinado momento, passou a ser culpabilizado, por parcelas da elite econômica brasileira, pela perda de alguns dos privilégios dos mais ricos. Mais tarde, o PT ganhou as páginas dos jornais ao se tornar um dos principais alvos da Operação Lava-Jato, que investigou membros do partido, aliados e empreiteiras num movimento anticorrupção (e que, anos depois, revelou-se uma ação estrategicamente direcionada, em especial para a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, de modo a impedi-lo de disputar as eleições de 2018) (SOUZA, 2017). Em seu artigo “PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014)”, Fernando Antônio Azevedo estuda a relação de três grandes jornais de referência do Brasil (*O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*) com o PT. A análise se dá através do exame dos editoriais publicados durante as eleições presidenciais no período em questão. Azevedo evidencia, nesse estudo, a discrepância informacional e o poder da mídia de desequilibrar a disputa:

Nesse contexto, de um sistema de mídia concentrado e caracterizado por uma oferta de conteúdo político com baixa diversidade, a parcialidade da grande imprensa, pelo seu grande poder de agendamento (e *ripple effect* no noticiário televisivo e nas redes sociais), pode gerar assimetria informacional e potencialmente desequilibrar a disputa política e eleitoral ao vocalizar, reproduzir ou endossar argumentos e estratégias narrativas de grupos e partidos políticos (AZEVEDO, 2018, p.272).

Visto como uma figura que insuflava o ânimo da população nas reivindicações por melhorias orientadas por ideais progressistas – e inspiradas pelos movimentos sociais em prol das minorias –, Lula viu sua imagem se transformar em uma ameaça na perspectiva dos segmentos mais conservadores. Milhões de brasileiros, especialmente os menos informados, acreditaram (e se revoltaram) com as narrativas construídas pelas forças de extrema direita, que

apostavam largamente em informações equivocadas que, ainda assim, eram espalhadas principalmente pela internet. Uma das mais intensas estava relacionada à crença de que o país se transformaria na Venezuela ou em Cuba – dois países frequentemente citados por segmentos políticos conservadores para ressuscitar alguns dos fantasmas que mais apavoram a extrema direita: o comunismo e o socialismo. Narrativas como essas tomaram as redes sociais enquanto parte expressiva da mídia tradicional que, ainda à procura de uma “terceira via”, e sem uma posição mais firme contra a onda conspiratória, contribuía para o fenômeno do antipetismo. Bons exemplos podem ser encontrados em cartas de leitores de O Globo, como mostra o artigo de Girelli (2018) sobre os discursos de ódio contra Lula e o PT.

A classe média alta brasileira, assim como a de outros países, constituída em larga medida por pessoas renda acima da média, de 10 a 20 salários mínimos no Brasil, de acordo com IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), passaram a não mais esconder suas opiniões, já que Jair Bolsonaro e seus aliados legitimavam declarações marcadas por concepções fascistas, preconceituosas e conspiratórias. Foi o caso, por exemplo, do discurso de Bolsonaro quando ainda exercia o mandato de deputado federal, ao proferir seu voto a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff. Naquele momento, homenageou um dos torturadores da ex-presidente, o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra (1932-2015). A declaração foi feita dentro do Congresso, na presença de mais de 500 outros deputados, com transmissão ao vivo em canais de TV aberta. Bolsonaro foi ovacionado por apoiadores, o que acendeu de vez um radicalismo que, anos mais tarde, estaria presente no mais alto nível do Poder Executivo. Além do voto do ex-presidente, contribuíram para o novo cenário, que tiraria Dilma do Palácio do Planalto, os 367 votos a favor do *impeachment* contra 137 contrários.

Na base jurídica para a instauração desse processo estavam as chamadas “pedaladas fiscais”<sup>6</sup> – naquela época considerada uma violação à Lei de Responsabilidade Fiscal. Além disso, já nesse segundo mandato da primeira presidente mulher do Brasil, Dilma sofria, ainda, com os reflexos da Operação Lava-Jato. Sua gestão era constantemente relacionada aos

---

<sup>6</sup> A “pedalada fiscal” é, na verdade, uma expressão utilizada para nomear um tipo de manobra contábil realizada pelo Poder Executivo para cumprir as metas fiscais. Segundo a Agência Senado, essa manobra dava a impressão de que havia equilíbrio entre gastos e despesas nas contas públicas. Diz a página do Senado: “No caso do governo Dilma Rousseff, o Tribunal de Contas da União entendeu que o Tesouro Nacional teria atrasado, voluntariamente, o repasse de recursos para a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) para o pagamento de programas sociais como Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida, benefícios sociais como o abono salarial e o seguro-desemprego, e subsídios agrícolas. Essas instituições faziam o pagamento com recursos próprios, garantindo que os beneficiários recebessem em dia. Ao mesmo tempo, o governo omitia esses passivos nas estatísticas da dívida pública, postergando para o mês seguinte a sua contabilização” (AGÊNCIA SENADO, *online*, acesso em 2 fev. 2024). Após o *impeachment* de Dilma Rousseff, o procedimento passou a ser permitido.

escândalos de corrupção na Petrobras (PEIXOTO, 2020). Um ano antes de sua reeleição, em 2013, o país passou por uma onda de protestos sob o lema “O gigante acordou”, expressão utilizada pela extrema direita ao apregoar que o Brasil havia acordado para os problemas que deveria resolver (e que teriam sido criados, segundo eles, pelos governos petistas). A construção de estádios para a Copa das Confederações em 2013 (e para a Copa do Mundo aguardada para 2014), por exemplo, passaram a ser mencionadas como sinal de ganância e corrupção – o que acendeu um alerta na população. A gota d'água foi o aumento das passagens de ônibus em cerca de R\$ 0,20 nas grandes capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, o que deu início às manifestações de 2013 (marcada pelos protestos contra a classe política e contra o Estado de Bem-Estar Social protagonizados pelo MPL, o Movimento Passe Livre). As manifestações se estenderam por várias capitais em junho daquele ano. Soma-se a isso o fato de a mídia hegemônica ter contribuído para a construção de uma imagem distorcida da então presidente da República, o que chegou a gerar grande polêmica nas redes sociais (LOPES, 2016).

Para alguns estudiosos, certos fenômenos que tiveram ascensão em meio a instabilidade política no Brasil – como as *fake news* e a era da pós-verdade – estão diretamente relacionados ao modo como foram pautadas e estruturadas as reportagens veiculadas pela mídia hegemônica no Brasil. A discussão histórica (e filosófica) fundada no poder da perspectiva sobre a compreensão do sujeito diante dos eventos que ele testemunha e vivencia é antiga. Aqui, é possível convocar até os grandes pensadores, como Friedrich Nietzsche, para quem “contra o positivismo, que permanece no fenômeno: ‘só há fatos’, diria eu: não, justamente não há fatos, apenas interpretações” (NIETZSCHE *apud* PIMENTA, 2019, p.660).

Importante lembrar, neste ponto, que o enfraquecimento do governo Dilma se deu também em um contexto de recessão econômica, de alta da inflação e de medidas impopulares – como a do aumento de impostos, estabelecido pelo Executivo para tentar equilibrar as contas. Com isso, grandes partidos de oposição, como o então PMDB (atual MDB), ganharam força no Congresso Nacional, especialmente no Senado, nesse movimento contra a gestão do PT. O afastamento definitivo de Dilma Rousseff, em agosto de 2016, dividiu ainda mais a população. Os apoiadores do PT viam, nesse episódio, um claro golpe político que viria a contribuir decisivamente para a instabilidade política do país. Já a extrema direita aprovava a medida e permaneceu trabalhando até eleger Jair Bolsonaro em 2018.

## **2.2 Ascensão do Bolsonarismo**

O ambiente de insegurança que afetou grande parte da população brasileira diante das denúncias de corrupção veiculadas pela mídia tradicional – agravadas pelo fenômeno das *fake news* – foi bastante propício à ascensão de um político com o perfil de Jair Bolsonaro. Assim como já ocorreu em outros momentos da história política mundial, a candidatura do capitão do Exército estava relacionada, também, à ascensão de um ideal fascista observado no Brasil, mas também em outras partes do mundo. Nesse contexto, Bolsonaro se tornou uma figura com um discurso bem definido, fundado nos ideais do nacionalismo e no anticomunismo, encontrando “culpados” para os problemas do país.

Nesse cenário, uma crença ilusória de que o país caminharia para o comunismo fez com que ele, agora o principal representante da extrema direita, mantivesse seu nome em alta nas redes sociais. Em julho de 2018, uma reportagem do jornal Estado de Minas<sup>7</sup> revelou uma pesquisa do Estadão Dados, que analisou páginas criadas no Facebook com tom humorístico, todas direcionadas aos apoiadores do político e envolvendo seu nome como forma de engajamento. Entre os meses de maio e julho daquele mesmo ano, o perfil “Bolsonaro Opressor 2.0” somou mais de 52,63 milhões de interações (reações, comentários e compartilhamentos) em postagens de vídeos editadas em tom sarcástico. Outras como “Vim do futuro pra dizer que o Bolsonaro virou presidente”, “Melhor Jair se Acostumando” e “Bolsonaro Opressor 2018” também acumularam seguidores e interações favoráveis à ascensão do político, que venceu as eleições presidenciais em novembro.

Com um discurso consolidado a partir de ideias voltadas para o combate à criminalidade, e ressaltando os problemas da segurança pública, Bolsonaro se destacou por ser um ex-militar e por ter opiniões firmes e duras contra a violência. Prometia facilitar, por exemplo, o porte de armas para a população “de bem”, sob o argumento de que todo indivíduo precisa ter direito à defesa pessoal. A proposta de um caminho mais fácil que viabilizasse o porte de armas encontrou eleitores já revoltados com o grau de violência no país. Assim, esses segmentos de eleitores mais radicais viram, em Bolsonaro, um potencial enorme de legitimação de ações há muito defendidas por alguns grupos, mesmo que criminosas.

Em pouco tempo, o impressionante engajamento de apoiadores (pelas redes sociais, em especial) assegurou a eleição do capitão. Bolsonaro chegou ao poder nas eleições de 2018 e foi fiel ao que prometeu em sua campanha eleitoral. Já no começo de seu mandato, não se preocupou em disfarçar as tendências fascistas gradualmente reveladas. Ao contrário. Passou a

---

<sup>7</sup> Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/07/30/interna\\_politica,976619/bolsonaro-lidera-ranking-de-paginas-nas-redes-sociais.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/07/30/interna_politica,976619/bolsonaro-lidera-ranking-de-paginas-nas-redes-sociais.shtml)> Acesso em: 20 jul. 2024.

atacar abertamente as instituições que constituem o regime democrático. No artigo “Por que o bolsonarismo é um fascismo”<sup>8</sup>, Bruno Frederico Müller analisa a incapacidade de Bolsonaro de lidar com os Três Poderes estabelecidos pela Constituição. Para o autor, foi esse o fato principal que levou o país a enfrentar uma nova tentativa de golpe de Estado. Na avaliação de Müller, a gestão de JB já sinalizava para o extremismo desde o início: “Já nos primeiros dias, Bolsonaro foi reafirmando sua agenda extremista, seu gosto pelo confronto, sua indisposição para o diálogo, o desrespeito pela liberdade de imprensa e a incapacidade de aceitar os contrapesos dos poderes Legislativo e Judiciário” (MÜLLER, 2020, *online*).

Essa expansão do conservadorismo, assim como a adesão de diversas famílias ao endurecimento proposto por Bolsonaro e por seus apoiadores (que acreditavam na eficácia do uso da narrativa do medo para combater as forças de esquerda), foi resultado de um processo marcado pelo anúncio de cenários catastróficos, trabalhados principalmente nas redes sociais a partir das *fake news*, e espalhadas por vários perfis da internet. O ex-presidente contava com as justificativas de seus próprios eleitores diante de suas declarações infundadas. Favorecido pela opinião pública em ambientes como o Instagram e o X (antigo Twitter), passou a ser seguido por pelo menos 37 milhões de usuários da web. Assim, pautava ideias reacionárias da extrema direita, ressaltando a soberania do povo, ainda que as vontades desejadas infringissem a Constituição.

Outro fator que contribuiu para a ascensão de Bolsonaro foi a desconfiança quanto à segurança e transparência das eleições no país. Esse discurso era alimentado pelas forças de oposição ao PT e a outros setores da esquerda. Lideranças de partidos como o PSDB, por exemplo, chegaram a solicitar a auditoria das urnas à Justiça Eleitoral nas eleições de 2014, incentivados pelo então candidato derrotado, Aécio Neves. Com a legitimidade do sistema de votação colocada em cheque, discursos contrários às próprias instituições se fortaleceram. E, nesse mesmo processo, cresceu o apartidarismo. Na pesquisa do Datafolha de outubro de 2014, 68% do eleitorado se mostrava sem preferência partidária.

### **2.3 As redes sociais como ferramenta política**

Como base de apoio e exercendo um papel significativo para o bolsonarismo, as mídias sociais, por serem um espaço amplo de compartilhamento de ideias, foram uma ferramenta fundamental para que os opositores aos governos petistas (e aos setores de esquerda, de forma

---

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/06/30/por-que-o-bolsonarismo-e-um-fascismo/>> Acesso em: 16 jan. 2023.

mais ampla) conseguissem orientar os segmentos da população que se identificavam com os ideais da extrema direita. Recorrendo a técnicas do campo digital capazes de distorcer a fala de personalidades da esquerda, e criando narrativas inverídicas para reconfigurar a imagem dessas lideranças, os narradores desse grupo direitista proporcionaram a grande parte dos brasileiros fontes alternativas de informação.

No livro *Bolsonarismo: Da guerra cultural ao terrorismo doméstico - retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva*, João Cezar Castro de Rocha chama essa ferramenta política de “mídiosfera extremista”. Nesse campo, estruturas encadeadas para desinformar as pessoas se articulam para produzir materiais específicos em diferentes plataformas, como explica o autor:

A mídiosfera extremista é composta de cinco elementos: quatro internos e um externo. Os elementos internos formam uma grande cadeia de desinformação. São eles: as tristemente célebres correntes de WhatsApp, que em 2018 tiveram um efeito avassalador na campanha presidencial e foram usadas com maestria pelo bolsonarismo; um circuito integrado de canais do YouTube, verdadeiro centro produtor de radicalização ideológica e de criação de teorias conspiratórias; as redes sociais, que até muito recentemente eram território, por assim dizer, exclusivo da extrema direita; aplicativos, como a TV Bolsonaro no Facebook ou Mano, cujo garoto propaganda era ninguém menos do que Flávio Bolsonaro (ROCHA, 2023, p. 34).

Por combater as *fake news*, a mídia convencional – apesar de não apoiar as gestões petistas – também passou a ser alvo dos ataques bolsonaristas. A TV Globo, por exemplo, foi duramente atacada. Além de afirmar que o canal de televisão se preocupava apenas com os “bilhões de publicidade” que, supostamente, teria recebido ao longo dos governos petistas, Bolsonaro chegou a dizer, na reta final das eleições de 2022, que a Globo torcia e trabalhava “pela volta do ladrão”, fazendo referência a Lula. O *post* foi feito em seu perfil oficial do Twitter. No debate da própria emissora, o ex-presidente também proferiu críticas recorrentes: “Não podemos voltar a este tempo onde a roubalheira imperava, em especial à [sic] grande mídia. Em relação à Rede Globo, eu acabei com a mamata”, disse<sup>9</sup>.

Com a descredibilidade da imprensa em alta, em função das narrativas das forças de extrema direita (e parte delas adepta de diferentes teorias da conspiração que colocavam em jogo também a importância da ciência), as redes sociais se tornaram um meio de informação “oficial” para os apoiadores de Bolsonaro. O crescimento cada vez maior de postagens

---

<sup>9</sup> Ver matéria do jornal *Estado de Minas* em:

[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/09/30/interna\\_politica,1400390/bolsonaro-para-lula-no-debate-eu-acabei-com-a-mamata.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2022/09/30/interna_politica,1400390/bolsonaro-para-lula-no-debate-eu-acabei-com-a-mamata.shtml)

engajadas, disparadas por perfis falsos, ampliaram a disseminação de notícias inverídicas. Na obra *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*, Matthew D’Ancona aborda, por exemplo, o interesse das empresas que investem em mídias digitais por conteúdos típicos da era da pós-verdade. Algumas situações são semelhantes ao cenário marcado pelo “bolsonarismo” no Brasil – caso da retórica de Donald Trump nos Estados Unidos, também marcada por *fake news* e incentivo ao armamentismo, por exemplo. As problematizações trazidas pelo jornalista inglês, que é colunista do jornal *The Guardian* desde 2015, incluem o poder das novas mídias no universo digital e os desafios impostos às tradicionais empresas jornalísticas no processo de construção das notícias. O colunista observa, por exemplo, que, atualmente, “essa estrutura está sendo desafiada por uma malha de redes vinculadas não por laços institucionais, mas pelo poder viral da mídia social, do ciberespaço e dos sites, que se deleitam em sua repugnância em relação à grande mídia” (D’ANCONA, 2018, p.63).

Outro ponto importante para a discussão aqui proposta está relacionado ao fortalecimento do processo reacionário que abalou a política brasileira. Para isso, este estudo recorrerá ao livro *Diário da catástrofe brasileira* (2020), de Ricardo Lísias, que aborda o impacto, nesse contexto, das correntes de WhatsApp e das mensagens falsas sobre os atores da esquerda e suas ações. Segundo o autor, esses são alguns dos elementos que impulsionaram o poder do bolsonarismo no Brasil. Trata-se de uma questão relacionada também à tentativa de golpe de Estado em Brasília, no dia 8 de janeiro – um episódio revelador da forma como o jornalismo dialoga com a sociedade, como se verá mais adiante.

## 2.4 Civildade em risco

As faces do fascismo se mostravam cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade brasileira logo no início do mandato de Jair Bolsonaro, que chegou ao poder após um processo de fragmentação política e que se destacava por atrair, além dos grupos mais alienados, aqueles a quem os políticos já conhecidos não agradavam mais. Ricardo Lísias, em *Diário da Catástrofe Brasileira (Ano II)*, menciona a gravidade das ações irresponsáveis de Bolsonaro por trás de decisões supostamente “insanas” ainda em 2018, mas que, mesmo assim, não eram combatidas como deveriam ser por nenhum setor importante da sociedade. Havia uma negação daquilo que se evidenciava. Para Lísias, havia ali um projeto de poder:

As razões são muitas e diferentes para cada grupo de negação. Bastante gente na verdade apoia veladamente o governo. Outros, como cientistas e intelectuais, giram em torno do que para eles se tornou estranhamente uma



verdade: trata-se da incompetência. Porque esses grupos, com exceção de vozes muito isoladas, não aceitam que há um projeto por trás de cada ato aparentemente insano do mito, não sei explicar (LÍSIAS, 2021, p. 10).

Conceitos como *anomia social*, do sociólogo francês Émile Durkheim em seus estudos sobre a desintegração das normas sociais, passaram a ser citados por intelectuais diante do desrespeito demonstrado pela nova equipe governamental diante dos mais importantes artigos da Constituição de 1988. A Carta é conhecida como a Constituição Cidadã exatamente por ampliar os direitos fundamentais de todo cidadão brasileiro. Considerando esse aspecto, fica evidente a forma como a pós-verdade contribuiu de fato para o atentado à capital federal em 8 de janeiro de 2023. Contribuiu também para o ódio que movia os manifestantes bolsonaristas naquele ataque às instituições públicas e à democracia. O espanto geral não se deu apenas em função da tentativa de golpe em si ou dos ataques terroristas contra os prédios públicos. A ousadia dos extremistas também impressionou o país. Havia ali uma extrapolação da rebeldia. Uma incapacidade de conviver com forças políticas diferentes daquela.

Soma-se a isso uma tentativa de articulação frustrada da direita, que já trabalhava para impor “normas sociais” adequadas às suas próprias crenças. Bons exemplos são o repúdio a temas como a legalização do aborto, o respeito à homoafetividade, a descriminalização das drogas e a liberdade de religião, entre outras pautas progressistas. Esse segmento também defende pautas neoliberais, como os modelos econômicos fundados na meritocracia e a redução do papel do Estado no desenvolvimento das políticas sociais, como observa Alves (2000). O argumento desse grupo se embasa na proposta de “repensar e propor novos parâmetros para as sociedades capitalistas avançadas frente à crise do Estado de Bem-Estar, seja através da justificativa teórica do anti-igualitarismo ou de propostas de cortes nas políticas de bem-estar social” (ALVES, 2000, p. 189).

O contexto era (e é) desafiador – e não apenas para o Brasil. Nos Estados Unidos, por exemplo, Donald Trump foi eleito em 2016 com discursos radicais semelhantes aos propagados por Jair Bolsonaro no Brasil apenas alguns anos adiante. Republicano, Trump teve como adversária a democrata Hillary Clinton, e venceu as primárias realizadas no início daquele ano. Dentre as principais propostas de campanhas que coincidiam com o bolsonarismo estava o incentivo ao porte de armas como medida quase incontestável para a defesa pessoal. Ao passo que, no Brasil, o antipetismo foi o inimigo principal elencado pela extrema direita naquele período, nos EUA, Trump tomava como inimigos, por exemplo, os imigrantes ilegais que conseguiam acessar o país por meio da fronteira com o México. A solução proposta por ele para

a resolução da problemática foi a radical construção de um muro em toda a fronteira entre os dois países.

Após eleito, seu mandato, entre 2017 e 2021, ficou marcado por declarações polêmicas acerca de variados temas, e também pela grande quantidade de mentiras propagadas. Durante sua campanha em 2016, 69% das declarações públicas do político foram consideradas falsas ou enganosas, segundo o livro *Como as democracias morrem* (2018), dos cientistas políticos Steven Levitsky e Daniel Ziblatt. Os pesquisadores também afirmam que, já nos primeiros 40 dias de governo, Trump proferiu pelo menos uma fala falsa ou enganosa por dia. As mentiras ditas sem qualquer preocupação são outra semelhança com Jair Bolsonaro.

As similaridades entre os governos norte-americano e brasileiro também ficaram evidentes durante a pandemia de Covid-19, quando o presidente norte-americano passou a ser criticado por especialistas da saúde por subestimar a gravidade da doença e defender tratamentos ineficazes, como o uso de hidroxicloroquina. Com o fracasso da gestão Trump no combate à doença, que matou mais de 1 milhão de norte-americanos de 2020 a setembro de 2022, a popularidade do então presidente dos EUA caiu. Com a chegada da disputa presidencial de 2020, e ciente de que eram grandes as possibilidades de derrota para o candidato democrata Joe Biden, Trump passou a atacar o sistema eleitoral norte-americano. O resultado da apuração, que confirmou a derrota do republicano, não foi bem recebido pelos eleitores da extrema direita, que atacaram o Capitólio, principal símbolo do poder político no país. Na capital Washington, até a polícia foi atacada – e o então vice-presidente, Mike Pence, chegou a ser ameaçado de enforcamento. O episódio, que se deu na manhã de 6 de janeiro de 2021, após um discurso inflamado de Trump no National Mall, ficou conhecido como o maior ataque à democracia dos EUA. João Cezar de Castro Rocha também relaciona o episódio ao ataque dos Três Poderes no Brasil, cerca de dois anos depois, devido à derrota de Bolsonaro:

A tensão acumulada em meses de ataque à justiça eleitoral, ao resultado das urnas e ao “sistema” ou ao “mecanismo” – outro espectro sem o qual a extrema direita não fica de pé – levou os guerreiros de PlayStation ao gesto mais temerário: a tentativa de golpe de Estado em 6 de janeiro de 2021 nos Estados Unidos, e em 8 de janeiro de 2023 no Brasil (ROCHA, 2023, p. 30).

A mudança na ordem política mundial a partir das ações dos movimentos reacionários não se deu apenas no Brasil e nos Estados Unidos. Quando se considera os eventos da geopolítica na América do Sul, entre meados de 2016 a 2023, é possível perceber que países como a Argentina e a Venezuela também tiveram que lidar com cenários conturbados. Em

2023 o ultradireitista Javier Milei foi eleito na Argentina, na pior derrota do peronismo<sup>10</sup> em 40 anos. As mudanças radicais, no entanto, iniciaram-se no país vizinho já em 2016, quando Mauricio Macri encerrou os 12 anos de governos da família Kirchner. Já nas eleições de 2019, ele foi derrotado pelo peronista Alberto Fernández – eleito por uma coalizão liderada pela então vice-presidente Cristina Kirchner, o agora ex-presidente enfrentou a pandemia, uma seca severa e a crise econômica crônica do país. Desde a posse, Javier Milei procura manter uma relação próxima com Trump.

Em meados de 2017, a Venezuela já se via, mais uma vez, mergulhada em grave crise (política e econômica). Naquele ano, o país registrou sua pior recessão da história até então. Como alertava a própria Assembleia Nacional – o parlamento venezuelano, então controlado pela oposição – eram 12 trimestres seguidos de retração econômica. Ainda em 2017, a pobreza extrema da população chegava a 61,2%. Isso porque a desvalorização do petróleo no mercado internacional, em 2014, e o início das sanções impostas pelos Estados Unidos com Barack Obama, em março de 2015, acelerou um processo de desmoronamento da economia venezuelana. Tais punições visavam impor uma troca de regime no país, sob o poder de Nicolás Maduro desde novembro de 2013. Com uma inflação de 130.060% em 2018, segundo o Banco Central Venezuelano (BCV), e após 5 mil pessoas abandonarem o país por dia no mesmo ano, de acordo a Organização dos Estados Americanos (OEA), a Venezuela passou a ser utilizada pelos bolsonaristas como exemplo de cenário que poderia marcar o Brasil num futuro próximo. Aliados de JB, assim como o próprio político, mencionavam o país para amedrontar os eleitores brasileiros contrários ao regime socialista. De acordo com JB, o Brasil se tornaria uma Venezuela caso o PT se mantivesse no poder.

A gestão de JB passou a investir no discurso radical, contaminando seus eleitores, e o debate político deu lugar a um adoecimento social – um fenômeno denominado *anomia social* pelo sociólogo Émile Durkheim em sua obra *A Divisão do Trabalho Social* (1999). A palavra *anomia* é um termo derivado do grego que significa “falta de lei” ou “desordem”. Na sociologia, está relacionado à desintegração das normas sociais – fator capaz de desencadear um estado de desorientação dos indivíduos. De acordo com Durkheim, crises políticas, econômicas e sociais, por exemplo, podem resultar numa perda de controle social – como se observou nos episódios

---

<sup>10</sup> A expressão “peronismo” emerge a partir do *Movimento Nacional Justicialista* da Argentina, que surgiu na década de 1940, orientado pelos ideais de Juan Domingo Perón. Ele foi eleito presidente do país por duas vezes e inspirou o movimento populista na América Latina (NEIBURG, 1997).

envolvendo a invasão dos prédios dos Três Poderes no Brasil, em 8 de janeiro de 2023, e ao Capitólio, nos Estados Unidos, em 6 de janeiro de 2021.

A partir de contextos marcados por processos desenfreados de desinformação – disseminadas, principalmente, por meio das redes sociais –, leis e normas, muitas vezes desrespeitadas ou interpretadas de modo deliberadamente equivocado, pareciam imprecisas. Desse modo, emerge a sensação generalizada de alienação, comprometendo a estabilidade da democracia. O fenômeno das *fake news* é um importante elemento para esse quadro de “adoecimento”. Ainda segundo Durkheim, “nada contém as forças em presença e não lhes atribui limites que sejam obrigadas a respeitar” (DURKHEIM, 1999, p. 7). Na concepção de Émile Durkheim, o combate a essa anomia passa, necessariamente, por regulamentações capazes de fortalecer as instituições.

Uma regulamentação moral ou jurídica exprime, pois, essencialmente, necessidades sociais que só a sociedade pode conhecer; ela repousa num estado de opinião, e toda opinião é coisa coletiva, produto de uma elaboração coletiva. Para que a anomia tenha fim, é necessário, portanto, que exista ou que se forme um grupo em que se possa constituir o sistema de regras atualmente inexistente. (DURKHEIM, 1999, 10)

Este trabalho analisará três documentários que registraram eventos específicos situados nesse período, de 2018 a 2022, contribuindo para a construção de memórias importantes para o país – e que estão marcadas por esse “adoecimento” do qual se fala aqui.

### 3. LINHA DO TEMPO NAS TELAS

Nos últimos anos, acontecimentos políticos foram roteirizados e se tornaram produções audiovisuais capazes de narrar, com detalhes, alguns dos eventos que mais preocuparam os brasileiros na última década, com todas as suas complexidades e especificidades. Este trabalho examinará três deles: *Democracia em vertigem* (2019), dirigido pela cineasta Petra Costa, com produção de Joanna Natasegara, Tiago Pavan e Shane Boris; *Extremistas.br* (2023), uma série do diretor Caio Cavechini – lançada pela Globoplay poucos dias após o atentado em Brasília – e, por fim, *Ato 18: O Golpe contra Lula* (2023), documentário produzido pela Fórum Filmes e dirigida pelo jornalista Luiz Carlos Azenha.

*Democracia em vertigem* foi lançado em junho de 2019, seis meses após a posse do então presidente Jair Bolsonaro (PL). O documentário, cujos direitos de distribuição foram comprados pela Netflix, mostrou a ascensão de um grupo e a queda de outro: o Partido dos Trabalhadores e, com ele, outras forças do campo progressista, perdem lugar, na esfera do poder público, para forças conservadoras que se articulavam para assumir o comando do país. Petra Costa mostra os bastidores do processo de *impeachment* movido, em 2016, contra a então presidente da República Dilma Rousseff, mas também o julgamento de Luiz Inácio Lula da Silva (que seria preso em 2018), e a votação que deu a vitória a Jair Bolsonaro, candidato da extrema direita. Tudo isso no contexto da crise político-econômica que marcou o país naquela década. O roteiro apresenta, de acordo com a sinopse, “uma narrativa cautelosa em tempos de crise da democracia – o estopim pessoal e político para explorar um dos mais dramáticos períodos da história do Brasil”. A produção teve acesso exclusivo a líderes do passado e do presente (incluindo Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva), cujas entrevistas se misturam a relatos da complexa biografia da própria Petra Costa e de sua família. Em um tom mais intimista, Petra revela, por exemplo, o que sentia enquanto a câmera passeava pelo planalto vazio: “Eu temo que a nossa democracia tenha sido apenas um sonho efêmero”.

*Democracia em Vertigem* não foi, contudo, o único documentário focado no golpe de 2016 e em seus efeitos. Em *O Processo* (2018), de Maria Augusta Ramos, e *Alvorada* (2021), de Anna Muylaert e Lô Politi, é possível acompanhar todas as nuances que transformaram a rotina de Dilma Rousseff em um pesadelo. No primeiro, estão os dilemas e as tramas que permearam o processo de *impeachment* em si. No segundo, estão os últimos momentos da presidente no Palácio do Planalto, antes de seu afastamento definitivo do cargo. Estão ali, também, discussões e divagações sobre os possíveis efeitos políticos e sociais do golpe.

É na série *Extremistas.br*, de 2023, que esses efeitos, até então apenas cogitados, concretizam-se. Com direção de Caio Cavechini e roteirizado por Caio Cavechini, Carol Pires e Carlos Juliano Barros, a série lançada pela Globoplay mostra o sequestro do debate político pelos apoiadores da extrema direita no Brasil, revelando o arrependimento de influenciadores e militantes por terem optado pela radicalização.

O lançamento aconteceu no dia 11 de janeiro de 2023, três dias após o atentado em Brasília, e buscou esmiuçar o radicalismo de certas parcelas da sociedade brasileira durante dois anos de investigação, entrevistas e análise. O conteúdo, dividido em oito episódios, também relembrou de que forma as redes sociais foram usadas como ferramenta por grupos políticos para exacerbar a diferença ideológica entre os eleitores brasileiros.

A trama faz uma ligação entre os acontecimentos abordados nas produções *Democracia em Vertigem*, *O Processo* e *Alvorada* com o conteúdo de *Ato 18*. É que *Extremistas.br* mostra a consolidação do bolsonarismo durante o mandato do capitão, mas também a ação de personagens que, legitimadas por aquele governo, influenciaram uma multidão a apostar em ações desconectadas da realidade. A série mostra que o ativismo político de extrema direita resultou em vários episódios de violência, de fanatismo e radicalização. Os acontecimentos do 8 de janeiro chegaram a levar seus organizadores e participantes à Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI), na Câmara Legislativa do Distrito Federal, que investigou os ataques antidemocráticos. O que o minidocumentário *Ato 18* faz é um exame do ato em si. Em três episódios, é abordada a tentativa de um golpe contra a democracia por parte de atores revoltados com a vitória de Lula (PT) sobre Bolsonaro (PL) nas eleições de 2022.

A produção aborda, por exemplo, como os planos de ataque às instituições democráticas amadureceram a partir dos protocolos que confirmaram a volta de Lula ao poder. No dia da diplomação do petista e de seu vice, Geraldo Alckmin, do PSB, em 12 de dezembro de 2022, atos golpistas foram novamente insuflados. Naquela noite, bolsonaristas que faziam longas vigílias no Quartel-General do Exército foram para a região central de Brasília, onde, sob o pretexto de realizar um protesto contra a prisão do indígena José Acácio Serere Xavante, apoiador de Jair Bolsonaro, depredaram e queimaram vários carros. Um ônibus chegou a ser jogado de um elevado, atingindo a pista localizada abaixo.

Paralelamente, mentiras sistemáticas passaram a circular nas redes sociais. Entre elas, uma suposta confirmação de fraude nas urnas e, ao mesmo tempo, a prisão do ministro do STF, Alexandre de Moraes. O objetivo era manter acesa a chama do golpe à democracia. Para a extrema direita, aquele clima era necessário.

As narrativas audiovisuais de todo esse processo, que começa em 2013 e se alonga até 2022, é um importante registro de um tempo obscuro para a população brasileira. Nesse sentido, é importante identificar, nessa linha do tempo, as singularidades captadas por cada documentário, de modo a examinar os significados por trás de cada descrição, e de cada encadeamento de cenas.

### **3.1 - *Democracia em Vertigem* - o Golpe**

A cineasta Petra Costa mostra, em *Democracia em Vertigem*, que, no Brasil, a ascensão e a queda de determinados grupos políticos, bem como o crescimento da polarização de ideias no campo político, tem relação direta com a radicalização de opiniões decorrente das diferenças ideológicas entre os eleitores, mas, sobretudo, entre aqueles que defendem o capitalismo (com o enriquecimento das classes mais favorecidas) e aqueles que defendem as políticas sociais para os mais vulneráveis. O documentário obedece a uma linha do tempo em que as memórias pessoais de Petra e de seus familiares se entrelaçam a fatos mais recentes. Esses fatos envolvem personagens que, um dia, viveram os anos da ditadura – com destaque para Dilma Rousseff, ex-guerrilheira, e Lula, ex-sindicalista. Tudo isso revela cenários políticos que definiriam os rumos do país.

Ressaltando o retorno do pensamento fascista na última década, especialmente por meio de personagens como Jair Bolsonaro (um dos grandes responsáveis por insuflar o antipetismo), o documentário foca na queda da única mulher eleita presidente da República na história do Brasil. Os fatos que envolvem a queda de Dilma Rousseff (e a condenação de Lula) são apresentados como resultado da ação de uma mídia hegemônica que abraçou a narrativa do ex-juiz Sergio Moro na Operação Lava-Jato. Outros fatores também são elencados, tais como a diferença de classes e a desigualdade que afetam o país, bem como a influência da religião no comportamento dos eleitores mais conservadores.

O documentário se inicia com imagens do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Paulo, cercado por apoiadores de Lula, em 7 de abril de 2018, quando se esgotou o prazo concedido por Moro para que o então ex-presidente se apresentasse voluntariamente para o cumprimento de sua pena no caso do triplex do Guarujá<sup>11</sup>. As imagens revelam os bastidores da

---

<sup>11</sup> As particularidades do caso do Triplex foram apresentadas e analisadas na obra intitulada *Comentários a uma sentença anunciada* – o processo Lula (Baruru: Canal 6, 2017), organizada por Carol Proner, Gisele Cittadino, Gisele Ricobom e João Ricardo Dornelles. A obra mostra evidências concretas da ausência de provas contra Luiz Inácio Lula da Silva, bem como os atos persecutórios no âmbito do Ministério Público que resultaram na sua prisão em 2018.

despedida do político de seus aliados, antes de ele se entregar às autoridades. Ao mesmo tempo, o filme mostra a satisfação dos críticos do petista, que comemoram a sua prisão.

Na sequência, Petra Costa lembra o processo de redemocratização no Brasil num tom pessimista, considerando o cenário que se apresentava quase trinta anos após a promulgação da Constituição Federal de 1988. “Aqui estamos. Com uma presidente destituída, um presidente preso, e o país avançando rapidamente rumo ao seu passado autoritário”, afirma. A cineasta, que nasceu em 1984, praticamente um ano antes do fim da ditadura, também resgata vídeos de sua vida pessoal à medida que revela suas memórias afetivas articuladas a certos contextos da política no Brasil. É quando ela conta, por exemplo, como seus pais viveram na clandestinidade durante esse período. Ambos eram militantes que lutavam contra o regime autoritário.

**Figura 2:** Pais da cineasta Petra Costa ao centro da imagem durante a ditadura



Fonte: Documentário “Democracia em Vertigem” (2019), da Netflix

A produção aborda ainda o momento em que a política despertou o interesse de Lula. O documentário conta que isso se dá depois que Luiz Inácio visita pela primeira vez o Congresso Nacional. Ele percebe, ali, que, dos 443 parlamentares da época, apenas 2 eram da classe trabalhadora. As imagens que ilustram a narração mostram o então metalúrgico aos 33 anos, discursando. Nos anos seguintes, ele cria o Partido dos Trabalhadores e, na década de 1980, é eleito deputado federal por São Paulo. Por três vezes disputa a Presidência da República, mas é derrotado por Fernando Collor de Mello, em 1989, e por Fernando Henrique Cardoso em 1994 e 1998. Em 2002, contudo, é eleito presidente com 61% dos votos, derrotando o candidato tucano José Serra no segundo turno.



A narrativa audiovisual resgata as políticas sociais do governo petista, como o Bolsa Família e uma das ações do Fome Zero, que reduziu em 82% a população de brasileiros considerados em situação de subalimentação<sup>12</sup>. Também aborda a transição da Presidência da República para as mãos de Dilma Rousseff. Imagens de bastidores do dia 31 de outubro de 2010 mostram um dos momentos em que Lula comemora a vitória de sua sucessora, também contra José Serra. Neste cenário, a cineasta afirma que, naquele instante, aproximava-se de um mundo sonhado por seus pais – e ressalta uma “mudança de símbolos e de possibilidades” com a eleição da primeira mulher à Presidência.

Neste ponto o documentário mostra imagens de uma conversa especial. A mãe de Petra Costa, a socióloga Marília Furtado de Andrade, herdeira de um dos fundadores da construtora Andrade Gutierrez, encontra-se com a então ex-presidente Dilma Rousseff no ano de 2017, quando ela já havia sido destituída de seu cargo em função do impeachment de 2016. As duas falam sobre os tempos do regime militar, comentam como foram próximas as datas em que foram presas pela ditadura e se identificam não apenas como mulheres, mas como mineiras e militantes contra o regime autoritário.

Ao mencionar especificamente o *impeachment* da ex-presidente petista, Petra passa a detalhar e a problematizar esse processo, ressaltando o abismo político que julga existir entre Dilma Rousseff e seu então vice-presidente, Michel Temer, no campo da luta pela democracia. Lamenta, então, o estado de fragilidade daquela mesma democracia naquele exato momento. Ao citar a Primavera Árabe<sup>13</sup> no Oriente Médio, Petra Costa chama de “abalo sísmico” a onda de protestos iniciada no Brasil em 2013, motivada pelo aumento da tarifa de ônibus. A partir daí, passa a identificar uma mudança significativa no tecido social, destacando a crise econômica enfrentada pelo governo naquele período e articulando-a à diminuição do apoio popular à gestão do PT. De acordo com a pesquisa Datafolha de junho de 2013, a avaliação do governo Dilma caiu, durante as três semanas de protestos, de 57% para 30%. Foi o índice mais baixo de seu mandato. Três meses antes, em março, ela havia atingido sua maior aprovação (65%).

Na tentativa de recuperar a credibilidade de seu governo, a ex-presidente resolveu adotar uma série de medidas anticorrupção, entre elas a delação premiada, que viria a abrir portas para

---

<sup>12</sup> Ver mais sobre a trajetória do programa no Brasil no site do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Disponível em: <<https://www.gov.br/mds/pt-br/noticias-e-conteudos/desenvolvimento-social/noticias-desenvolvimento-social/a-trajetoria-do-programa-que-tirou-o-brasil-do-mapa-da-fome>> Acesso em: 19 set. 2024.

<sup>13</sup> A expressão “Primavera Árabe” surgiu na mídia ocidental para nomear uma onda de protestos no Oriente Médio e no Norte da África a partir de 2010. Detalhes sobre o movimento e o contexto no qual ele se dá podem ser acessados na obra do professor Fernando Brancoli, da UFRJ, em sua obra intitulada Primavera Árabe (São Paulo: Editora Desatino, 2013).

as investigações da Operação Lava-Jato, iniciada na Petrobras. Desde então, a ascensão da figura do juiz Sergio Moro passa a ser favorecida pelo apoio midiático em meio às prisões de membros do PT, envolvidos nos depoimentos de empresários e donos das grandes empreiteiras do país, como demonstra o documentário.

Com a chegada das eleições em 2014, o PSDB é derrotado pela quarta vez pelo PT, desta vez, com uma pequena margem de diferença entre o candidato Aécio Neves e a presidente reeleita, mesmo com o apoio de grandes setores da economia ao tucano. Após pedir a auditoria das urnas, e de ver o resultado mantido, Aécio passa a defender o *impeachment*, reivindicando o fim do PT no Poder Executivo. Petra conta que, ao mesmo tempo, as redes sociais passam a ser utilizadas como ferramenta de grupos políticos de extrema direita, propagando planos futuros para o cenário político do país – incluindo a possibilidade da queda da então presidente. A mídia tradicional passou a dar cada vez mais destaque às ondas de protesto, contribuindo para o enfraquecimento gradual da credibilidade do governo Dilma. Alguns meios de comunicação, como a revista *Veja*, tornaram-se, anos mais tarde, objetos de pesquisa em função do modo como contribuíram para a construção da legitimidade do processo de *impeachment* contra Dilma Rousseff. O documentário chega a exibir, como exemplo, uma das capas da *Veja* naquele ano:

**Figura 3:** Capa de uma das revistas da *Veja* de 2014



Fonte: Documentário “Democracia em Vertigem” (2019), da Netflix

A cineasta mostra o estopim para o processo desenfreado do impeachment no Congresso Nacional, em especial no Senado. Trata-se da tentativa de Dilma de nomear Lula como ministro-chefe da Casa Civil, o que garantiria ao petista foro privilegiado diante das acusações que ele

vinha sofrendo, ainda que sem provas. Segundo Sergio Moro, Lula era suspeito de ter recebido um apartamento no Guarujá como propina de uma construtora implicada na Operação Lava-Jato. O documentário lembra como uma interceptação telefônica, planejada e divulgada pelo então juiz, foi utilizada para exacerbar a crise política no governo. Na conversa interceptada, Lula e Dilma tratavam apenas do processo burocrático da nomeação, mas o diálogo gravado (e divulgado no horário nobre da Rede Globo de Televisão, durante o Jornal Nacional) foi tratado pela mídia como se fosse uma articulação secreta, um ato de corrupção, um escândalo. A interceptação da conversa, entretanto, dividiu opiniões. No campo jurídico, estudiosos como Walter Mairovitch, ex-desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, chegou a dizer que a polícia federal cometeu um ato ilegal ao instalar os grampos.

O documentário lembra, então, os subsequentes protestos que deram lugar a discursos patrióticos por parte de indivíduos que, nas ruas, exibiam símbolos nacionais como a bandeira do Brasil e a camisa da seleção brasileira. As manifestações mostram grupos de pessoas bradando acusações contra quaisquer representantes da esquerda, ainda que desprovidas de comprovações. Esse tipo de discurso passaria a ser cada vez mais frequente e, mais adiante, tornaria-se a base argumentativa mais presente na narrativa bolsonarista. Nessa conjuntura, o juiz Moro passou a ser visto como um herói nacional, ao passo que os ideais progressistas (sejam aqueles dirigidos à defesa da democracia, dos direitos das minorias ou dos segmentos mais pobres da população) eram cada vez mais atacados, aumentando o grau de polarização política.

O papel decisivo do então deputado peemedebista e presidente da Câmara Eduardo Cunha para o afastamento da presidente petista do Palácio do Planalto – e o fato de ele ser investigado por desvio de dinheiro e por recorrer à propina – também são elementos destacados pela cineasta. Ela ressalta o rompimento de Cunha com o governo do PT como fator desencadeador do *impeachment* e conversa com Dilma sobre todo esse processo. É quando a ex-presidente menciona o que considera um equívoco por parte do PT: a aliança com o PMDB num contexto em que as forças da extrema direita já se fortaleciam, trabalhando especialmente contra mais quatro anos de gestão petista. “Nós erramos em não perceber que a hegemonia pela direita era crescente”, afirma Dilma **no documentário**. A ex-presidente afirma que Cunha era o chefe (e não Temer), e o responsabiliza por montar a estrutura que viabilizou sua queda.

A hegemonia da extrema direita citada por Dilma Rousseff é abordada no artigo de Girelli (2018), que relaciona os discursos de ódio contra o PT ao termo aporofobia, que significa, em linhas gerais, o medo dos pobres. Essa impugnação diante da ascensão de camadas menos favorecidas fica evidente, por exemplo, nas manifestações contra a então presidente. A autora lembra que “muitos manifestantes colocavam-se, de modo muito enfático, contrários a diversos

programas de inclusão social, entre eles o Bolsa Família, por ser considerada uma forma de ‘sustentar vagabundos’”. (GIRELLI, 2018, *online*).

Diante dos desdobramentos da crise governamental – com destaque para a polarização cada vez mais acentuada em todas as regiões do país –, Petra fala sobre os conflitos ideológicos responsáveis por uma divisão em sua própria família: de um lado a elite econômica, representada por seus avós, e, de outro, os grupos que se identificavam com o pensamento da esquerda, representados por seus pais. A cineasta se utiliza desse cenário para evidenciar a imagem de um país rachado – que seria herdado pelas próximas gerações. Após a instauração do processo de *impeachment*, aprovada pela maioria da Câmara, 367 deputados, Petra também passa a acompanhar a ascensão de Jair Bolsonaro perante a opinião pública. Durante a votação na Câmara, o então deputado, ao manifestar seu voto contra Dilma, evocou a memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, ex-chefe dos centros de tortura responsáveis pelo assassinato de várias pessoas que se opuseram ao regime militar. A produção revelou detalhes do gabinete de Bolsonaro na Câmara, decorado com quadros dos governantes do período da ditadura: Castelo Branco (1964-1967), Costa e Silva (1967-1969), Emílio Médici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974-1979) e João Figueiredo (1979-1985).

Embora “Democracia em Vertigem” revele as manobras das forças de extrema direita para retornarem ao poder, a crise interna do PT também é abordada. Há, por exemplo, comentários do então ex-secretário geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho (PT), que analisa alguns dos equívocos que julga terem sido cometidos pela legenda. Entre eles, a falta de uma reforma política que acabasse com o financiamento de campanha. Segundo ele, essa é a “mãe da corrupção”, que também teria sido naturalizada pelo Partido dos Trabalhadores – o que vai de encontro aos pilares que sustentavam o partido anteriormente no campo da ética.

O documentário também relembra um áudio vazado para a imprensa na segunda semana do governo interino de Temer. Era uma conversa entre o então ministro do Planejamento, Romero Jucá, e o ex-presidente da Transpetro, Sergio Machado, que chamava a retirada de Dilma do poder de um “grande acordo nacional” – e um acordo com participação de outras instituições. Ele complementava: “com o Supremo e com tudo”<sup>14</sup>. O áudio revelava que havia ali, também, a intenção de desviar as investigações da Operação Lava-Jato de modo a evitar a prisão de mais políticos e donos de empreiteiras que estavam na mira de Sergio Moro. O fato, no entanto, não muda o julgamento final do processo de *impeachment* no Senado, em 29 de agosto de 2016.

---

<sup>14</sup> Ver matéria do G1 daquele ano, disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2016/05/leia-os-trechos-dos-dialogos-entre-romero-juca-e-sergio-machado.html>> Acesso em: 19 set. 2024.

As próximas sequências mostram que, com a conclusão do processo de *impeachment*, o foco passa a ser as próximas eleições presidenciais. Lula anuncia que seria candidato em 2018 e, semanas depois da queda de Dilma, o petista passa a ser citado por vários procuradores como suspeito de ser o chefe do esquema de corrupção investigado pela Lava-Jato. O então procurador Deltan Dallagnol apresentou à imprensa, em 14 de setembro de 2016, um PowerPoint no qual apontava Lula como a figura central de uma organização criminosa. O coordenador da força-tarefa da operação foi condenado em março de 2022, pela Quarta Turma do STJ (Superior Tribunal de Justiça), a pagar uma indenização de R\$ 75 mil a Lula por danos morais<sup>15</sup>. Também acusada no caso do triplex do Guarujá, a esposa de Lula, Marisa, morreu meses depois, em fevereiro de 2017, vítima de um derrame. Em julho do mesmo ano, Moro condenou Lula a nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro na ação penal envolvendo o triplex. Na segunda instância, a pena foi aumentada para doze anos e um mês. A parcialidade do juiz foi discutida pelo advogado do petista na Organização das Nações Unidas, Geoffrey Robertson. Ele ressalta o fato de Moro ter se colocado como investigador e juiz do mesmo caso – citando distorções flagrantes, como a decisão de grampear o telefone de Lula, expondo as conversas do petista com Dilma em rede nacional.

Seguindo a linha do tempo, o documentário também chama a atenção para o interesse de Temer pelo silêncio de Cunha, condenado em março de 2017 a 15 anos e 4 meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas. A preocupação de Temer é revelada durante uma conversa com o empresário Joesley Batista, dono da JBS, também vazada para a imprensa. O diálogo mostra que, naquele período, já se considerava a possibilidade de “compra” do silêncio do ex-presidente da Câmara. Aparecem, então, outros atores políticos que, envolvidos na queda de Dilma, também se viram subitamente na mira da Operação Lava-Jato. Um deles era o então senador tucano Aécio Neves, que, também envolvido em escândalos de corrupção e desvio de dinheiro público, só conseguiu manter seu mandato com a ajuda de outros senadores. Já o pedido de instauração de inquérito (feito pelas forças de esquerda) para investigar um possível envolvimento de Temer na concessão de propinas – levado à votação na Câmara em agosto de 2017, em sessão presidida pelo então presidente da Casa, Rodrigo Maia – não avançou e foi arquivado. Um mês antes, uma pesquisa feita pelo instituto Ibope, por encomenda da ONG

---

<sup>15</sup> Ver mais em reportagem do UOL disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/05/17/deltan-dallagnol-cassado-powerpoint-lava-jato-lula.htm>> Acesso em: 21 set. 2024.

Avaaz<sup>16</sup>, mostrou que 81% dos eleitores brasileiros eram a favor da abertura de um processo contra Temer.

O resultado da votação e as subsequentes reformas realizadas pelo governo Temer fazem Petra refletir em sua narrativa. Ela percebe um lento declínio da democracia e passa a cogitar algumas possíveis consequências desse processo político, movido por diferentes interesses de grupos muito distintos. Nesse cenário, a figura de Bolsonaro emerge como uma aposta do mercado financeiro e de uma parcela da elite econômica brasileira. Embora ainda estivesse atrás de Lula nas pesquisas de intenção de voto, em abril de 2018, o capitão já contava com a simpatia de uma parte considerável do eleitorado. Nessa pesquisa de abril, Lula liderava com 31%, mas Bolsonaro já aparecia como segundo colocado na disputa, com 15% das intenções de voto. Mas o petista foi definitivamente retirado da disputa naquele mesmo mês, quando o STF se reuniu e votou pela rejeição do *habeas corpus* impetrado pela defesa de Lula contra a decisão tomada em janeiro pela oitava turma do TRF4, que o havia condenado a 12 anos e 1 mês de prisão no caso do triplex. Pouco tempo depois, Moro emitiu a ordem para que Lula se entregasse à polícia em 24 horas.

Nesse momento, a produção retoma às cenas iniciais em que o político aparece no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. As imagens mostram o petista se manifestando pouco antes de sua prisão. Diz ele: “Eu tinha consciência que o golpe não terminaria enquanto eles não me prendessem. Porque o *impeachment* da Dilma foi apenas um pretexto para chegar em mim. Não tinha sentido eles fazerem o *impeachment* e me deixarem governar quatro anos depois”. Após discursar para a multidão, ele é levado para a sede da Polícia Federal, em Curitiba.

O documentário termina com a eleição de Jair Bolsonaro pelo PSL, seis meses depois. A cineasta mostra os discursos extremistas do político ao assumir o cargo. As cenas exibem, por exemplo, as declarações do capitão em defesa de certas ações como “banir os marginais vermelhos da pátria”. Petra Costa conclui que o país é comandado por uma “república de famílias” que controlam, por exemplo, a mídia e os bancos, além de ressaltar a queda da máscara da civilidade diante da ascensão da extrema direita. Por fim, o documentário informa aos telespectadores que o juiz Sergio Moro foi nomeado Ministro da Justiça no governo de Jair Bolsonaro.

O declínio da esquerda, nesse período, não foi registrado apenas no Brasil, como se viu no capítulo anterior. As forças de direita – em especial da extrema direita – ganharam força na última

---

<sup>16</sup> A ONG Avaaz, que significa “voz” em várias línguas europeias, apresenta-se como “uma comunidade de mobilização *online* que leva a voz da sociedade civil para os espaços de tomada de decisão em todo o mundo”. (AVAAZ, online). Acesso em 19 set. 2024

década, num ambiente marcado por notícias falsas, teorias da conspiração e pela ação da big techs ainda movida por interesses neoliberais. A normalização das *fake news*, por exemplo, agravou a fragilidade da democracia em vários países, e no Brasil não foi diferente. Em entrevista para a Revista do Instituto Humanitas Unisinos, intitulada *Da anomia ética a um novo pacto social* (2018), Gilberto Gomes analisa o *status* do tecido social diante de um novo modo de ser das sociedades em midiatização, no contexto de ascensão da extrema direita no país:

Hoje a humanidade, e em nosso caso particular, o Brasil, precisa de um novo pacto social, democrático e republicano para podermos construir um novo país. O nosso tecido social está esgarçado, as pessoas fazem o que querem, e as redes sociais são as grandes possibilitadoras, pois as pessoas “podem” dizer o que querem. (GOMES, 2018, *online*)

Nos anos subsequentes ao lançamento de *Democracia em vertigem*, outras produções abordariam problemas subsequentes enfrentados pelo Brasil, todos eles envolvendo a ascensão do fascismo no ambiente político nacional (LÍSIAS, 2020) e seus efeitos sobre a sociedade brasileira.

### **3.2 - *Extremistas.br* - a consolidação do bolsonarismo**

A série *Extremistas.br*, da Globoplay, que examina o crescimento dos discursos e movimentos contra a democracia na última década, mistura a análise de especialistas e pesquisadores com relatos de pessoas afetadas por esse cenário político no Brasil. O documentário mostra personagens conhecidos, como influenciadores que ascenderam durante a consolidação do bolsonarismo, e revela o rosto da extrema direita que exacerbou o fenômeno da polarização na política. Além disso, colhe declarações de alguns bolsonaristas arrependidos de suas ações. A série, de oito episódios, faz uma ligação entre o documentário *Democracia em Vertigem*, da Netflix, e *Ato 18*, da Fórum. O conteúdo produzido mostra a influência do governo de Jair Bolsonaro (PL) sobre as massas entre 2019 e 2022 – e a maneira como isso culminou nos atos de 8 de janeiro, marcados por ações decorrentes de visões que parecem descoladas da realidade.

O documentário ressalta, em especial, a violência presente no ativismo político da extrema direita e suas consequências. Ao longo de cada episódio, é possível acompanhar como a narrativa desse segmento recorre à fé cristã e como Jair Bolsonaro e seus seguidores exploram esse elemento, contribuindo para a radicalização de opinião por parte de uma parcela expressiva da população. Os capítulos tratam da ascensão das *fake news*, da motivação que leva ao ódio e do

ataque às instituições a partir da ação de figuras como o ex-deputado federal Roberto Jefferson, a deputada federal Carla Zambelli, o ex-deputado federal Daniel Silveira, a militante Sara Winter e o ideólogo Olavo de Carvalho (1947-2022) – atores políticos que instigaram discursos fundados na ideia do “o bem contra o mal”.

A partir desse aspecto da exploração da fé cristã, *Extremistas.br* mostra como a disputa pelas ideias que sustentavam essa narrativa religiosa foi importante para o processo de fabricação de inimigos – algo que se tornou uma constante durante o governo de Bolsonaro. Também é destacado o modo como a Constituição de 1988 foi deslegitimada pelos grupos radicais responsáveis pela disseminação de notícias falsas e de ideias sem fundamentação científica, sempre a partir das novas tecnologias que dão vida e movimento à circulação de mensagens. Algoritmos, sugestão de vídeos nas plataformas e organização de ataques cibernéticos levaram ao fim uma direita democrática, substituindo-a por uma extrema direita que trabalha por ideais fascistas e que visa a geração de lucros provenientes da desinformação e da ação da militância conservadora.

Acontecimentos externos que ameaçaram, como nunca, a democracia brasileira, também são abordados. Um exemplo é a invasão do Capitólio, nos Estados Unidos, após a derrota de Donald Trump para John Biden nas urnas, e o atentado à ex-presidente da Argentina, Cristina Kirchner.

O primeiro episódio de *Extremistas.br*, intitulado *Indignação*, esmiuça algumas das teorias da conspiração que moviam os apoiadores de JB, sedentos por ações como “tomar” a capital federal – muitas vezes motivados pelas próprias autoridades do governo. Durante as manifestações bolsonaristas, discursos que mencionavam a possibilidade de guerras, com ameaças de destruição e morte contra os brasileiros eram frequentes. Não raras vezes, as forças militares eram convocadas para salvar a nação, revelando faces extremistas por parte de uma parcela dos cidadãos.

Embora esse espírito conspiratório da militância conservadora tenha tomado as ruas, as redes sociais, principalmente, tornaram-se um ambiente propício para a propagação dessas teorias – e de forma profissional. Um jovem operador anônimo da web, que se auto declarou “marketeiro digital”, revela, no primeiro episódio da série documental, que, ao ser contratado por políticos em períodos de campanha, assumia a função de criar o mal-estar no eleitor. Afirmando que se empenhava para dar cada vez menos espaço para um debate real, ele também explica como funciona o sistema de disparo de mensagens em massa, ainda que esta seja uma prática proibida por lei.



O nome do episódio – *Indignação* – é mencionado como o sentimento por trás do engajamento político que fazia com que aquelas pessoas se movessem, naquele momento, em prol de seus ideais, seja indo para as ruas ou se envolvendo em variados atos coletivos. A normalização de discursos agressivos e tóxicos, no entanto, partiam especialmente de aliados próximos a Jair Bolsonaro como, por exemplo, o ex-deputado federal Roberto Jefferson (PTB), que legitimava declarações que viriam a gerar um ódio exacerbado no país. Após descumprir as regras estabelecidas para a sua prisão domiciliar, o político foi obrigado a lidar com um mandato de prisão decretado pelo Supremo Tribunal Federal, mas recebeu os agentes da Polícia Federal com tiros de fuzil e com granadas. Mesmo proibido de portar armas, ele feriu dois policiais e, somente após um longo embate, rendeu-se às autoridades. O episódio aconteceu em outubro de 2022.

Desse ponto em diante, a produção passa a acompanhar uma das apoiadoras de Roberto Jefferson, que se indignou com sua prisão: a empresária Rosângela Peçanha, de Niterói (RJ). A comerciante descreve os efeitos do ativismo político que, segundo ela, fazia com que seu corpo se sentisse em um campo de batalha para combater o “avanço do comunismo”. Outra personagem “engajada” inserida na série é a deputada federal Carla Zambelli, que, no mesmo mês da prisão de Jefferson, às vésperas das eleições, em outubro de 2022, sacou uma arma e apontou para um homem negro, em uma área nobre de São Paulo, que divergia dela acerca de posicionamentos políticos. Na série, a parlamentar justifica sua ação afirmando que teria sido perseguida e agredida. A série também mostra, contudo, que o bolsonarismo foi enfrentado por figuras como o deputado federal André Janones (AVANTE) e o influenciador e youtuber Felipe Neto, que também se utilizaram das redes sociais para isso. O político chegou a ser reeleito, em 2022, com 60 mil votos a mais que em 2018.

Já no segundo episódio da série documental, *Sitiados*, a produção relembra um episódio de março de 2021, em meio à pandemia da Covid-19, quando um soldado da Polícia Militar da Bahia protagonizou um surto paranoide – caracterizado pela perda parcial da noção de realidade, de acordo com a psicóloga da Segurança Pública do RS, Fernanda Bassani, e construído, nesse caso, com base em elementos políticos. Com o rosto pintado de verde e amarelo, ele passou horas no Farol da Barra, em Salvador (BA), empunhando armas pesadas e protestando, aos gritos, contra os rumos políticos do país. Depois de atirar com seu fuzil contra os policiais, o PM foi baleado e morreu horas depois no hospital. Após esse acontecimento, a extrema direita passou a explorar o caso, instigando seus apoiadores a organizar motins pela honra do soldado,

construindo uma narrativa distorcida da situação que apontava o PM como um herói nacional. A série mostra ainda que, nas redes sociais, o soldado seguia figuras políticas próximas a JB.

Outra ação de violência ligada à polarização política lembrada pela produção foi a de julho de 2022, quando um tesoureiro do PT, o guarda municipal Marcelo Arruda, acabou morto durante a celebração de seu próprio aniversário, de 50 anos, por um policial penal federal. O crime se deu em Foz do Iguaçu (PR), após uma discussão na porta da casa onde se dava o evento – cuja temática era ligada ao PT de Luiz Inácio Lula da Silva. Testemunhas do crime relataram que o autor dos disparos gritou o nome de Bolsonaro em meio ao ataque. O país estava a pouco menos de três meses da votação para a eleição presidencial. Em suas redes sociais, o policial Jorge Guarinho, que foi preso, identificava-se como conservador, cristão, defensor das armas e contrário ao aborto e às drogas.

Destacando a incapacidade dos bolsonaristas de aceitarem o resultado das urnas, que deram a vitória a Lula, a série documental mostra a invasão dos prédios públicos de Brasília no 8 de janeiro. Grupos fanáticos entraram nos prédios do Palácio do Planalto, do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal, praticando atos de depredação e destruição do patrimônio público. O documentário evidencia, assim, o resultado de uma escalada impressionante do discurso antidemocrático ao longo do governo de JB e da violência demonstrada pelos bolsonaristas mais radicais. A produção ressalta que uma pesquisa do Instituto Datafolha, divulgada a duas semanas do primeiro turno das eleições de 2022, chegou a mostrar que 9% dos eleitores estavam dispostos a deixar de votar naquele ano por medo da violência política.

Já o terceiro episódio, intitulado *Armados, em nome de Deus*, trata da maneira como os Estados Unidos influenciam a mentalidade dos apoiadores do armamentismo como solução para o problema da segurança pública no Brasil – com o apoio, em algumas ocasiões, de instituições religiosas. A justificativa para o armamento da população esteve ligada, em grande parte dos discursos, a aspectos relacionados à legítima defesa e ao direito “sagrado” da liberdade individual. A série documental atribui a chegada de Bolsonaro ao Palácio do Planalto ao estabelecimento de uma identidade política condizente com a de seus apoiadores – e os ideais em prol da flexibilização do porte de armas fazem parte dessa “identidade”.

À medida em que revela atentados ocorridos no Brasil e nos EUA, durante governos que compactuam com o armamentismo desenfreado de civis, um dos entrevistados pela série – não identificado – propõe uma reflexão em torno da posse dessas armas enquanto a produção mostra imagens do policiamento nas ruas: “Arma na mão pra pobre é criminoso e arma na mão da classe média e rico é cidadão de bem?” Na condição de presidente da República, Jair Bolsonaro assinou

mais de 40 decretos para facilitar o acesso às armas de fogo, que incluía itens como fuzis. Os decretos também permitiram que os chamados CAC's (Colecionadores, Atiradores e Caçadores) aumentassem seus arsenais de armas sem a necessidade de autorização do Exército. Outro dado apresentado ao longo da série documental resulta da comparação entre a importação de armas antes e depois do governo de JB. Em 2022, o país importou mais de 215 mil revólveres e pistolas – número sete vezes maior do que aquele apurado em 2018, quando a quantidade não ultrapassou 29 mil, de acordo com dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços.

A exploração da religião durante a ascensão do bolsonarismo também é analisada durante o episódio, que ouve, por exemplo, o professor de Ciências Políticas da Universidade de Columbia, nos EUA, Miguel Lago. De acordo com o estudioso, JB passou a pensar suas ações de forma a permitir uma leitura religiosa de seus apoiadores. Ao mesmo tempo, parte de membros das igrejas cristãs passaram a falar com os fiéis de modo a estimular a polarização política no país, “demonizando” aqueles que consideram inimigos políticos – como Lula.

Outro sinal da ligação entre as instituições religiosas e o pensamento bolsonarista trabalhado pela série documental está no uso de alguns dos princípios cristãos para o estabelecimento de um modo de vida considerado “moralmente” adequado. Entre eles, estão a necessidade de constituição de famílias orientadas pela “palavra de Deus” e o casamento permitido apenas a partir das relações heteronormativa, por exemplo. São princípios presentes na circular publicada no site da Congregação Cristã no Brasil em 11 de agosto de 2022. Uma das mais tradicionais instituições religiosas do país, reunindo cerca de 2 milhões de membros, ela orientou seus fiéis a “evitem candidatos ou partidos políticos cujo programa de governo seja contrário” a esses valores. Por isso mesmo, pautas como a luta contra a legalização do aborto também aproximou os segmentos cristãos. Grande parte desses religiosos enxerga, na possibilidade de uma eventual legalização desse procedimento, a instituição de uma sociedade imoral, acalentada por pessoas ligadas aos partidos de esquerda.

No quarto episódio, *Supremo alvo*, a série documental analisa o crescimento dos ataques a importantes instituições do Poder Judiciário, como o Supremo Tribunal Federal (STF). Embora diversas manifestações com discursos antidemocráticos tenham se espalhado pelo país nos últimos anos, os protestos de 7 de setembro de 2021 demarcaram o início de uma tensão ainda maior com o STF. Esse fenômeno se dava em função das expectativas – também crescentes, entre os bolsonaristas – de um rompimento definitivo do governo de JB com a instituição, cujo prédio viria a ser o mais depredado durante o ataque à sede dos Três Poderes, em 8 de janeiro de 2023. Foi durante um 7 de Setembro que o então presidente afirmou, para milhares de pessoas reunidas

na Avenida Paulista, que não cumpriria mais qualquer das decisões do STF. No dia seguinte, contudo, voltou atrás.

É nessa ambiência que a produção chama a atenção para a figura do ex-deputado federal Daniel Silveira, uma das autoridades que, naquele mesmo setembro, proferiu palavras violentas contra o ministro Alexandre de Moraes e o STF, sob aclamação de eleitores e políticos bolsonaristas. O ex-parlamentar havia sido condenado em 20 de abril de 2022 a oito anos e nove meses de reclusão, em regime inicial fechado, pelos crimes de ameaça ao Estado Democrático de Direito e coação no curso do processo. Em seus discursos no Congresso Nacional, chegou a chamar Moraes de “marginal” por cercear sua liberdade. No entanto, no dia seguinte à sua condenação, Jair Bolsonaro lhe concedeu o indulto individual, ou graça constitucional, a fim de anular sua pena. Daniel Silveira foi preso em 2 de fevereiro de 2023, um dia após o fim de seu mandato como deputado federal, e sua graça constitucional anulada definitivamente pelo STF, em maio de 2023. A postura de Silveira só fazia estimular um movimento que, na extrema direita, ocorria há muito contra o ministro Alexandre de Moraes. Na verdade, ele se tornou um dos principais alvos dos eleitores de JB desde que se tornou relator dos inquéritos das *fake news* e das milícias digitais – processos nos quais os filhos do ex-presidente Jair Bolsonaro são investigados.

A série documental também analisa a discrepância dos discursos dos apoiadores de Bolsonaro antes e depois do atentado em Brasília, no início de 2023. Enquanto as mensagens de convocação para o protesto circulavam nas redes sociais estimulando a criação de caos e instabilidade, alguns manifestantes presos chegaram a declarar, durante os interrogatórios da Polícia Federal, que eram turistas na cidade – e que estavam, na realidade, conhecendo os prédios dos Três Poderes. A mobilização das massas com a propagação de discursos falsos, no entanto, resultou no protagonismo de cenas de desconexão com a realidade e de violência durante o atentado.

Nesse sentido, alguns momentos caóticos foram destacados. Um deles diz respeito à notícia falsa propagada pela deputada federal Bia Kicis, de que uma pessoa havia morrido no ginásio da Academia Nacional de Polícia, em Brasília, para onde os invasores da sede dos Três Poderes foram levados após os ataques. Ao divulgar a foto de uma senhora que teria ido a óbito nas dependências da PF, ela foi desmentida pela neta da mulher. A deputada se desculpou posteriormente pelo que chamou de “equivoco”.

Sara Winter, líder do grupo de extrema direita nomeado *300 do Brasil*, é outra figura abordada pela série. Num depoimento, ela aparece engajada na defesa de um regime de monarquia, posicionando-se em apoio a JB. O grupo liderado por ela, acusado pelo Ministério

Público de atuar como agremiação paramilitar, teve seu acampamento desfeito pela polícia um mês depois. O acampamento havia sido montado em Brasília em maio de 2021, numa ação orientada pelo polemista e teórico da extrema direita, Olavo de Carvalho (1947-2022). Sara conta que não esperava aquele desfecho. “Não tinha me preparado psicologicamente para ir para a cadeia, eu nunca imaginei que isso fosse acontecer”, afirmou. Presa em junho de 2020, acusada de cometer atos antidemocráticos, ela foi libertada após dez dias. Em seu relato, ela conta ainda que havia recebido, de Olavo Carvalho, a orientação de sair do Brasil. Naquela ocasião, ele já havia entendido a gravidade dos discursos extremistas propagados pelo movimento *300 do Brasil*. A série mostra que o influenciador e youtuber Allan dos Santos teria recebido a mesma orientação e foi ajudado por um dos filhos de JB, Eduardo Bolsonaro, a fugir do país. Allan mora nos EUA e se tornou um foragido da Justiça brasileira em 2021, quando sua prisão preventiva foi determinada no inquérito das *fake news*.

O mesmo episódio também destaca, em contraponto, a parcela da população que se revoltou contra as ações da extrema direita. O capítulo mostra, por exemplo, a reação de torcidas organizadas de clubes brasileiros, unidas e mobilizadas contra os discursos antidemocráticos, agindo para desbloquear estradas em novembro de 2022 – e indo para as ruas para se manifestarem em prol do regime democrático. Paralelamente, momentos caóticos foram destacados.

No quinto episódio, chamado *Desinformação e Dinheiro*, a produção retoma a figura de Sara Winter. A abordagem, aqui, está centralizada nas experiências dela como militante e no financiamento das *fake news* nas mídias digitais. A ativista e influenciadora tem uma longa história. Chegou a se prostituir e foi líder do movimento feminista Femen, além de fundadora do grupo de extrema direita *300 do Brasil*. Ela inclui, entre suas experiências como militante, um “treinamento na Ucrânia”. Embora descreva Olavo de Carvalho como professor, Sara afirma que jamais teria montado o acampamento em Brasília caso pudesse voltar no tempo. Considera que pagou um “preço alto” sem receber nenhum tipo de agradecimento por parte do governo.

Mas o capítulo também mostra a rotina de um casal de estudantes de Direito, Leonardo e Mayara, do interior do Paraná, que se mobilizaram para desestruturar a propagação das *fake news* na web. Leonardo criou uma plataforma em 2020 chamada *Sleeping Giants Brasil*, que além de desmentir as declarações enganosas em meio a pandemia de Covid-19, também investigava os recursos que abasteciam esses sites. Após 48 campanhas nesse sentido, a plataforma calcula ter retirado mais de R\$ 60 milhões de diversos sites, como revelado em *Extremistas.br*.

A série recorre, então, ao fundador da *Novelo Data* e professor do Insper, Guilherme Felitti para analisar outra plataforma: o Youtube. A plataforma, na concepção do professor, é hoje uma das mídias digitais tomadas por influenciadores com milhares de seguidores – pessoas que também propagaram mentiras durante a pandemia de Covid-19, por exemplo. Alguns conteúdos chegaram a ser retirados da rede por desrespeitarem as diretrizes da comunidade. Isso se transformou em uma das grandes queixas entre os bolsonaristas, para quem aquilo representava uma ameaça à liberdade de expressão. Felitti comenta o pacto civilizatório existente na sociedade civil e cita o código penal brasileiro, que inclui punições para declarações fundadas em calúnia, difamação e incitação ao crime, por exemplo. Observa, então, que, ainda assim, esse tipo de declaração passou a estar amplamente presente no ambiente digital – o que, além de comprometer a boa convivência nas sociedades, também serve como ferramenta para os governos autoritários interessados em destruir a democracia. O professor afirma que isso pode ser claramente visto no projeto Bolsonaro. Felitti acrescenta, ainda, que o Youtube teve um papel fundamental no desenvolvimento dessa fragilidade do regime vigente, além de ter sido um espaço que rendeu recursos a diversos novos personagens empenhados em criar canais para expor opiniões políticas de extrema direita, atraindo milhares de seguidores com os mesmos ideais.

Em outro momento, a série documental revela, através do professor de Teoria Política da Universidade de Essex, na Inglaterra, Rodrigo Nunes, o efeito psicológico do discurso da extrema direita. Segundo ele, esse discurso, a partir da identificação da ansiedade e do medo dos indivíduos diante de crises mundiais, desloca esse mal-estar de objetos verdadeiros para objetos falsos, que são mais fáceis de lidar. E exemplifica: é mais fácil se debelar contra uma grande conspiração internacional de bilionários pedófilos do que conseguir impedir o avanço do aquecimento global.

Já o sexto episódio, *Guerra Política, Guerra Moral*, aborda dois personagens que se utilizam das redes para engajar conteúdos extremistas. A narrativa começa quando se revela o arrependimento de outro ex-seguidor do ideólogo Olavo de Carvalho. Trata-se de Carlos Augusto de Moraes Afonso, que, em 2009, criou o pseudônimo Luciano Ayan, e um blog chamado *O Ceticismo Político* – além e outras páginas radicais que espalharam *fake news*, uma delas sobre a vereadora assassinada, Marielle Franco (1979-2018), associando-a ao tráfico de drogas. O capítulo também fala do jovem carioca Luan Lennon, que se descreve como ativista de extrema direita e que, como tantos outros, compactua com as ideologias conservadoras de figuras como JB, Olavo de Carvalho e membros do Movimento Brasil Livre (MBL), ativo desde 2014.

Em outro trecho, a série documental passa a analisar um dos temas que mais mobiliza a extrema direita: as relações afetivas fora do universo heteronormativo. O repúdio da extrema direita a toda e qualquer relação diferente do que pressupõe esse padrão reflete a crença de que existe uma “doutrinação” (de esquerda) contra a família tradicional brasileira, o que deu origem a um termo muito buscado na web: a ideologia de gênero. A produção mostra como essa questão foi explorada pelo apresentador Sikêra Júnior no programa *Alerta*, na *TV A Crítica*, de Manaus. As declarações despropositadas e falsas do apresentador tornaram-no alvo da plataforma *Sleeping Giants Brasil*, de Leonardo e Mayara, o que o fez perder 38 patrocinadores. Além disso, mais de 200 empresas bloquearam as marcas do apresentador em anúncios automáticos do Google. Em setembro de 2021, Sikêra Júnior revidou os ataques que recebeu pelas redes e anunciou na TV – ao vivo e em prantos – a decisão judicial que mandou suspender a campanha da *Sleeping Giants* (que chamou de “site satânico”) contra ele. Como resultado, os fundadores da plataforma, inclusive alguns contribuintes que se mantinham no anonimato, passaram a receber diversas ameaças dos telespectadores do apresentador, apontado, em comentários de usuários da web, como representante “da maioria conservadora e religiosa do país”.

O penúltimo episódio, *Cecília*, retrata as descobertas de uma infiltrada anônima em grupos e sites de disparo de mensagens falsas, que se identificava com esse nome na web. Mais *fake news* ligadas ao período em que as vacinas de proteção contra a Covid-19 passaram a ser aprovadas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) foram analisadas nesses grupos de estratégia da extrema direita. Após o imunizante ser aprovado para crianças, por exemplo, Bolsonaro afirmou em um vídeo que considerou a decisão “inacreditável” e pediu os nomes dos diretores da agência responsáveis pela deliberação. Outra teoria da conspiração difundida nas redes sociais – como um alerta aos “cidadãos de bem” – era a de que a vacina injetava um nano chip nas pessoas, o que podia ser descoberto ao ligar o Bluetooth de seus aparelhos telefônicos e se deparar com dispositivos desconhecidos.

A série documental também revela as investigações realizadas no âmbito da CPI da Covid. Algumas delas revelaram que a estrutura usada para disseminar notícias falsas sobre a pandemia era a mesma usada para destruir a reputação de inimigos políticos. O Gabinete de Ódio é um exemplo e esse fato foi denunciado à CPMI das *Fake News*. A produção mostra que a estrutura era organizada a partir da elaboração de tabelas que estabeleciam, para datas específicas, os responsáveis, em cada dia, pelo disparo de mensagens falsas em massa. Havia também uma lista dos inimigos a serem atacados nesses discursos. Em ambas as investigações, quebras de sigilo foram impostas a empresários bolsonaristas – o que permitiu a identificação de alguns grupos

que financiavam essa estrutura na web. Um exemplo é Luciano Hang, o dono da rede de lojas Havan.

Já o oitavo e último episódio – *Inimigos ou Adversários?* – inicia-se a partir da obra *How Democracies Die*, o livro de Daniel Ziblatt e Steven Levitsky. Os autores abordam a importância do zelo pelas instituições públicas, em especial nos âmbitos do Legislativo e do Judiciário, e do respeito às tradições e regras estabelecidas por cada sociedade. A partir desses aspectos, a série reflete sobre o perigo, por exemplo, de se confundir adversários políticos com inimigos, o que pode levar a rupturas de modos de convívio com consequências imprevisíveis.

O modo como o ódio e o descolamento da realidade podem estar por trás dessas rupturas é tratado a partir da história de Alan Diego dos Santos Rodrigues, que cogitou explodir um caminhão-tanque, próximo ao Aeroporto de Brasília, na véspera do Natal de 2022. Antes de se entregar à Polícia do Mato Grosso, em 17 de janeiro de 2023, ele confessou, em entrevista a um veículo local de sua cidade, Comodoro (MT), que se arrependeu de participar dos ataques na capital federal.

Esse episódio se encerra com imagens que mostram o processo de limpeza das sedes dos Três Poderes, após o ataque de 8 de janeiro de 2023. Nesse ponto, o professor de Gestão de Políticas Públicas da USP, Pablo Ortellado, fala sobre os resultados mais comuns observados em cenários de polarização política. Ele ressalta, por exemplo, que a lógica dessa divisão exacerbada é não reconhecer a legitimidade de uma parcela da população, o que pode culminar em resoluções extremistas. Nesse sentido, Ortellado aposta que uma direita institucionalizada dentro da ordem democrática seria capaz de contribuir para o combate à extrema direita, algo que ele considera “básico para que uma democracia funcione em qualquer lugar do mundo”.

O fechamento do episódio e da série documental também conta com uma proposição do professor de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Marcos Nobre. Para ele, a parcela dos eleitores que votou em Bolsonaro apenas por acreditar que “não tinha outra alternativa” deveria ser trabalhada e atraída por outras candidaturas comprometidas com a democracia. Nobre também afirma que é preciso acabar com a ideia dos extremistas de que meras opções partidárias definem bons e maus brasileiros.

### **3.3 - Ato 18 - operações psicológicas**

Em um compilado de três episódios, a produção de *Ato 18 - o Golpe contra Lula*, da Fórum Filmes, introduz o atentado em Brasília no dia 8 de janeiro de 2023 já por meio do título, que faz



referência aos 17 atos institucionais decretados durante a Ditadura Militar (1965-1984), transformando o 8 de janeiro de 2023 no 18º ato contra a democracia. Partindo da vitória de Lula sobre Bolsonaro nas urnas, em 2022, a narrativa revela operações psicológicas e a guerra de informações regida pelo fenômeno de dissonância cognitiva dos bolsonaristas, que passaram a acreditar em mentiras sucessivas (ROCHA, 2024).

Organização de caravanas, declarações radicais no dia da diplomação de Lula e o financiamento das manifestações (através de milhares de micro contribuições em dinheiro) resultaram em um dos eventos mais desafiadores que a capital federal experimentou. Em alguns relatos captados pela produção, os acampamentos são descritos como um “mundo paralelo”, demonstrando o empenho de vários grupos para se criar, ali, um ambiente legalizado para a tentativa de golpe. A descoberta de procedimentos específicos, como a criação de códigos para a comunicação nas redes sociais, agregada à constatação de uma forte crença entre eleitores de Bolsonaro – a de que suas expectativas seriam correspondidas pelas forças militares – foram alguns dos fatores que levaram o Legislativo a criar a CPI dos Atos Antidemocráticos, que ouviu vários depoimentos para apurar esses fatos<sup>17</sup>.

O primeiro capítulo da produção começa com imagens de apoiadores de JB indignados diante do resultado das eleições de 2022. Essas imagens são acompanhadas do relato de um servidor anônimo, ligado à Polícia Federal, que faz uma denúncia: a de que um golpe contra o presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva estava em curso. Ao repórter Henrique Rodrigues, da Revista Fórum, esse servidor revela a construção de um “aparato estatal terrorista” que, de fato, teria colocado a democracia em risco no Brasil já em 12 de dezembro de 2022. Naquela data, Lula e seu vice-presidente, Geraldo Alckmin, foram diplomados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), formalizando a escolha da população nas eleições gerais. Trata-se de uma ação importante, que antecede a cerimônia de posse. Durante aquela noite muitas pessoas testemunharam, presencialmente e pela mídia, a tentativa de invasão do prédio da Polícia Federal, em Brasília. Ali já era possível observar os primeiros atentados contra o regime democrático.

A série mostra as faixas e cartazes levados ao Palácio da Alvorada em uma caravana de apoiadores de JB no dia da diplomação de Lula. O material dava sinais evidentes das intenções antidemocráticas manifestadas por várias pessoas durante um encontro transmitido em uma das redes oficiais do então presidente derrotado pelo petista, na qual ele possuía, na época, 15 milhões de seguidores. “Intervenção militar com Bolsonaro no poder”, dizia uma das mensagens exibidas na residência oficial, situada às margens do Lago Paranoá, na capital federal.

---

<sup>17</sup> Trata-se da CPMI de 8 de janeiro, instalada em 25 de maio de 2023.

Na sequência, a produção mostra a reação dos bolsonaristas diante de mentiras propagadas nas redes sociais como, por exemplo, a confirmação de uma fraude nas urnas – que teria anulado a vitória de Lula –, a prisão do ministro Alexandre de Moraes, um dos principais inimigos políticos de Bolsonaro, e uma ação do Exército que evitaria a posse de Lula. É exibido, aqui, um trecho do depoimento do ex-comandante de operações da Polícia Militar do Distrito Federal, Jorge Eduardo Naime à CPI. Ele conta que alguns integrantes do acampamento bolsonarista, em Brasília, pareciam viver em um “mundo paralelo”. Nesse sentido, relatou, por exemplo, que uma das pessoas abordadas lhe afirmou que era um extraterrestre infiltrado, à espera de uma atitude do Exército, e que outros extraterrestres estavam a postos para ajudar na tomada de poder.

Pessoas ligadas a membros do governo Bolsonaro e personalidades conhecidas também insuflaram as manifestações antidemocráticas. *Ato 18* mostra, entre essas pessoas, a dona Maria Aparecida, esposa do general Villas Bôas, ex-assessor do Gabinete de Segurança Institucional (GSI). Ela visitou o acampamento do Quartel-General do Exército em 28 de dezembro de 2022, e interagiu com os protestantes, apoiando o movimento antidemocrático. Outra pessoa foi o ex-piloto de Fórmula 1, o tricampeão Nelsón Piquet. Num vídeo de grande circulação pelas redes, ele aparece repetindo o lema dos bolsonaristas – “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” – para, na sequência, complementar a frase com o trecho: “e Lula no cemitério”. A declaração foi gravada por um dos integrantes das manifestações e compartilhada com milhares de internautas.

**Figura 4:** Acampamento do Quartel-General do Exército, montado por manifestantes bolsonaristas



Foto: Série “Ato 18 - O golpe contra Lula – Episódio 2: Festa da Selma” (2023), da Fórum Filmes

Das gravações que mostram o acampamento no QG do Exército, o documentário volta para a data de 30 de novembro de 2022, um mês após a vitória de Lula, quando bolsonaristas promoveram uma audiência pública no Congresso, pregando o golpe de modo formal e destacando a importância do apoio das Forças Armadas nessa empreitada.

A produção aborda ainda a criação de um ambiente legalizado pela Polícia do Exército que, na prática, evitava, por exemplo, que veículos da caravana bolsonarista fossem multados pelo Departamento Estadual de Trânsito do Distrito Federal (DETRAN-DF) ou pelo Departamento de Estradas de Rodagem (DER). Em seu depoimento, o ex-comandante Jorge Eduardo Naime também fala de alguns dos crimes cometidos no acampamento, tais como estupro, tráfico de drogas e prostituição – o que teria sido debatido em reuniões do Exército.

As imagens mostram que, desse grupo organizado na capital federal, algumas figuras se destacaram, chamando a atenção das autoridades. O cacique Xavante Serere, que liderava indígenas durante as manifestações antidemocráticas, é uma dessas figuras. Ele foi preso por determinação do ministro Alexandre de Moraes – fato que, aliás, foi utilizado para justificar a tentativa de invasão da sede da Polícia Federal. Naquela ocasião, os bolsonaristas acampados no distrito federal seguiram a viatura em que o cacique era conduzido até a sede, e lá começaram a arquitetar o ataque. De início, atearam fogo em um carro próximo a um posto de gasolina, além de espalharem botijões de gás pela cidade. Outro ponto dramático ressaltado pela produção foi o sequestro de um ônibus que, posteriormente, foi incendiado. A intenção das pessoas envolvidas no crime era jogar o veículo em chamas contra o prédio da PF. As imagens do atentado foram gravadas pelas câmeras de segurança espalhadas pela capital federal, marcando o primeiro dia de ataques às instituições.

**Figura 5:** Ônibus incendiado por manifestantes bolsonaristas em 12 de dezembro de 2022



Foto: Série “Ato 18 - O golpe contra Lula – Episódio 2: Festa da Selma” (2023), da Fórum Filmes

Dias após os ataques ninguém foi preso, e os mesmos manifestantes continuavam presentes no acampamento. A escalada de violência crescia e, num dado momento, a polícia descobriu que um grupo de pessoas pretendia explodir um caminhão-tanque no Aeroporto Internacional de Brasília, na véspera de Natal, em 24 de dezembro de 2022. Na ocasião, a intenção de Wellington Macedo de Souza, George Washington de Oliveira Souza e Alan Diego dos Santos Rodrigues, que arquitetaram o plano, era provocar uma situação que exigisse, por parte do governo, a decretação de estado de sítio e intervenção militar. Isso, no modo de ver desse grupo, poderia evitar que Lula tomasse posse da Presidência da República. O motorista do caminhão, no entanto, descobriu a bomba antes que o veículo entrasse no terminal. Além disso, o sistema para a detonação da bomba falhou.

As ações criminosas próximas a instituições de segurança que antecederam o 8 de janeiro de 2023 não estavam, segundo o então ministro da Justiça de Lula, Flávio Dino (atual ministro do STF), desconectadas da visão estratégica de um golpe certo. O segundo capítulo de *Ato 18 - O golpe contra Lula* passa a mostrar, então, alguns dos acontecimentos ainda mais próximos aos ataques de 8 de janeiro de 2023. A produção retoma fatos singulares ligados ao processo de organização do atentado – como a saída estratégica de Bolsonaro, que, sem reconhecer a derrota nas urnas para Lula, deixou o Brasil dois dias antes do fim do seu mandato para seguir em direção aos Estados Unidos. O ministro das Relações Institucionais, Alexandre Padilha, observa que, antes, JB havia insuflado seus apoiadores por meio de discursos pró-ditadura militar.

O nome da segunda parte da produção é *Festa da Selma*, numa referência ao código usado pelos manifestantes para identificar o dia em que se conclui o ataque à democracia. Selma é uma cidade do Alabama, nos Estados Unidos, onde protestos contra o racismo tornaram-se históricos, na década de 1960. No Brasil, no entanto, o termo veio a ser utilizado pelos bolsonaristas para ocultar a organização dos atos antidemocráticos.

Em 8 de janeiro de 2023, o Congresso e o STF estavam em recesso, o que tornava o ambiente propício à invasão da sede dos Três Poderes. Os atos começaram com uma passeata saindo do acampamento do QG do Exército na capital federal em direção aos prédios das principais instituições de Brasília, que foram invadidos sem dificuldades pelos manifestantes. Ainda de acordo com o servidor anônimo da PF, fonte da produção da Fórum Filmes, os bolsonaristas esperavam que Lula decretasse uma Operação de Garantia da Lei e da Ordem, a GLO<sup>18</sup>, atribuindo ao Exército o controle das ruas.

Com a tentativa de golpe frustrada em função da ação firme das autoridades públicas – que conseguiram conter os ataques a partir da decretação da intervenção de Estado pelo presidente Lula, diversos manifestantes foram presos e levados para o ginásio da Academia Nacional da Polícia Federal (ANP), em Brasília. Outros tiveram a fuga facilitada por oficiais do próprio Exército, segundo depoimento de Ana Priscila Azevedo, uma bolsonarista que ficou conhecida nas redes sociais por insuflar os atos antidemocráticos. Ela foi presa no dia 10 de janeiro de 2023 e apontada pela PF como uma das organizadoras dos ataques, que deixou 44 policiais feridos.

Além dos líderes do acampamento que realizaram as *lives* diárias e dos demais apoiadores ao golpe que, pelas redes sociais, convocavam os interessados para se deslocarem até Brasília, integrantes do próprio governo de JB motivaram os atos que chegaram ao ápice no dia 8 de janeiro. Foi o caso, por exemplo, de alguns deputados federais bolsonaristas, que posteriormente, durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito do 8 de Janeiro, negaram envolvimento nos ataques. O general Augusto Heleno, então ministro do GSI, também foi ouvido pela Comissão para dar esclarecimentos sobre a postura dessas autoridades diante do acampamento no QG do Exército e do 8 de janeiro de 2023, já que as mesmas haviam sido nomeadas por ele no então governo de Bolsonaro. Na última parte de *Ato 18 - O golpe contra Lula*, o capítulo chamado de *Contragolpe* revela os resultados das ações criminosas em Brasília. O episódio inclui opiniões de juristas que ressaltaram a disposição dos manifestantes para os ataques contra a democracia,

---

<sup>18</sup> De acordo com o Ministério da Defesa, as missões de Garantia da Lei e da Ordem “ocorrem nos casos em que há o esgotamento das forças tradicionais de segurança pública, em graves situações de perturbação da ordem”. Ver mais sobre a GLO no site do Ministério da Defesa. Disponível em: <<https://www.gov.br/defesa/pt-br/assuntos/exercicios-e-operacoes/garantia-da-lei-e-da-ordem>> Acesso em 7 out. 2024.

ainda que todos eles tenham sido utilizados como massa de manobra por representantes da esfera pública, mas também, e sobretudo, da iniciativa privada. Isso porque diversos apoiadores de JB foram financiados por empresários que bancaram o transporte e a manutenção dessas pessoas no acampamento até o 8 de janeiro.

De acordo com a produção, até fevereiro de 2024, 86 golpistas já tinham sido condenados pelo STF por crimes como dano qualificado, deterioração de patrimônio público tombado, abolição violenta do Estado democrático de direito, golpe de Estado e associação criminosa. O jurista Pedro Serrano analisa as fases da tentativa de golpe, citando, entre outros elementos, a articulação dos interessados em nível nacional, o financiamento das ações e a estruturação da logística de transporte. Desde o início, havia também o intuito de convocar as Forças Armadas para depor o governo eleito.

O episódio demonstra que, além da prisão dos civis que invadiram a Praça dos Três Poderes, militares também foram detidos e investigados por estarem ligados ao planejamento dos ataques do dia 8. Um exemplo é o coronel Marcelo Câmara, que fazia dossiês para Bolsonaro, e o coronel Laércio Virgílio, que teria arquitetado a prisão do ministro Alexandre de Moraes em 18 de dezembro de 2022.

No último capítulo, lançado em abril de 2024, a produção mostra que, a despeito de todas as penalidades aplicadas àqueles que participaram das invasões de Brasília – e que promoveram tantos discursos antidemocráticos –, vários apoiadores de Bolsonaro voltaram a se reunir em manifestações convocadas pelo próprio político como, por exemplo, em fevereiro deste ano. Na ocasião, JB subiu em um trio elétrico, na avenida Paulista, num contexto marcado pelas investigações continuadas da PF sobre a tentativa de golpe de Estado.

A última tomada de *Ato 18 - O golpe contra o Lula* termina com a fala do jurista Lenio Streck. Ele chama atenção para o fato de o governo ter conseguido preservar a democracia, destacando a “coragem e resistência” do governo Lula.

### **3.4 - Os docs e a realidade: contexto e produção narrativa**

De forma minuciosa, cada uma das três produções revela as faces do extremismo no Brasil e as ações que antecederam o ocorrido em 8 de janeiro de 2023, apenas sete dias após a posse de Lula para o seu terceiro mandato como presidente do país. Os documentários permitem observar como as diferenças ideológicas presentes na construção de narrativas radicais levaram certas pessoas a ações terroristas, que viriam a ser investigadas pelas instituições que resistiram ao ataque.

A linha do tempo que se inicia com a popularização do PT no país, refletida nos altos níveis de aprovação do governo Lula, termina com um cenário de caos em que alguns eleitores brasileiros aparecem executando ações típicas da barbárie, motivados por discursos conservadores como “Deus, Pátria e Família”, embalados por uma utopia que remete a um paraíso “moral”.

Autores como Rocha (2024), ao acompanharem os contextos histórico e social que marcaram os últimos anos no Brasil, analisam os acontecimentos também a partir do ponto de vista psíquico. Trata-se de um esforço para compreender como parte expressiva dos eleitores brasileiros se voltou radicalmente contra o regime democrático, contribuindo para a construção de discursos e ações autoritárias. As produções audiovisuais aqui selecionadas como objeto de estudo esmiúçam a nova ordem social instituída a partir da ascensão do bolsonarismo, tão marcada por caos e radicalização de opiniões.

Embora os episódios protagonizados pela extrema direita nos últimos anos tenham sido momentaneamente superados, as três produções audiovisuais aqui analisadas revelam-se um importante registro de como a democracia foi fragilizada – o que pode contribuir para que os cidadãos e autoridades públicas reflitam sobre maneiras e caminhos para se evitar esses desvios no campo político. As séries e documentários evidenciam, por exemplo, como a vigilância em massa, os discursos recorrentes de terrorismo de Estado e o culto generalizado de certas personalidades estavam presentes no processo de ascensão política de JB, influenciando grande parte dos eleitores brasileiros. Esses três elementos estão diretamente relacionados aos aspectos de que trata o livro *Origens do Totalitarismo*, da filósofa Hannah Arendt (1906-1975). Ao analisar a estruturação do movimento totalitário, Arendt discute como os “membros fanatizados” se comportam neste cenário:

(...) dentro da estrutura organizacional do movimento, enquanto ele permanece inteiro, os membros fanatizados são inatingíveis pela experiência e pelo argumento; a identificação com o movimento e o conformismo total parecem ter destruído a própria capacidade de sentir, mesmo que seja algo tão extremo como a tortura ou o medo da morte. (ARENDR, 1951, p. 357).

Os comportamentos extremos demonstrados por alguns dos eleitores bolsonaristas – convocando a população para uma possível guerra civil, entre outras ações – foram exibidos ao longo das referidas produções como atitudes impensadas. Algumas dessas ações teriam gerado até certo arrependimento por parte de algumas das pessoas da extrema direita. Figuras como Sara Winter, por exemplo, que fomentaram movimentos radicais no país, precisaram se explicar após

os atos praticados contra a democracia – atos que suscitaram, nos indivíduos dominados pelas ideologias bolsonaristas, sentimentos exacerbados de raiva, medo e revolta, como se verá no próximo capítulo.



#### 4. ANOMIA SOCIAL

Alguns dos elementos da conjuntura que se configura nas produções aqui citadas serão reconstituídos, neste trabalho, a partir de um conceito desenvolvido pelo antropólogo Clifford Geertz para observar o comportamento de uma sociedade dentro de certos contextos sociais e históricos. O método, nomeado de *descrição densa*, decorre do entendimento de certas práticas culturais e sociais como resultado de um modo particular de interpretação do mundo e das coisas do mundo. Descrever essas práticas demanda, assim, uma compreensão do modo como os indivíduos – e as coletividades – dão sentido às suas próprias ações. No primeiro capítulo da obra *A interpretação da cultura*, de 1989, o autor analisa como os significados e as simbologias presentes no processo de interação de um grupo podem afetar o funcionamento da cultura de um lugar:

Nossa dupla tarefa é descobrir as estruturas conceptuais que informam os atos dos nossos sujeitos, o “dito” no discurso social, e construir um sistema de análise em cujos termos o que é genérico a essas estruturas, o que pertencem a elas porque são o que são, se destacam contra outros determinantes do comportamento humano. (GEERTZ, 1989, p.37)

Nesse estudo, o antropólogo chama a atenção para a lógica interna de determinados acontecimentos, já que, tirados de seu contexto, esses fenômenos humanos podem não fazer sentido. Para Geertz, o ponto central está no dinamismo da cultura, que não pode ser tomada “como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significados” (p. 15).

Com o método da *descrição densa*, é possível articular pelo menos três elementos operadores nesse processo que colocou a democracia em risco no Brasil: desinformação – principalmente a partir das *fake news* –, os discursos extremistas e de ódio propagados nos últimos anos e a polarização refletida na luta do “bem contra o mal” presente nas narrativas políticas. Essa articulação deu origem a uma radicalização que, em seu ápice, encontrou concretude plena no ataque à Praça dos Três Poderes. Sensações comuns como angústia, medo, raiva – e, posteriormente, arrependimento por parte de alguns indivíduos – são reveladas nesse exercício de antropologia interpretativa centrada nos fenômenos sociais que emergem a partir de uma adesão coletiva a certos pensamentos e idealizações.

Embora as produções audiovisuais tratem o 8 de janeiro como um caos instaurado (a partir de um boicote ao governo eleito), elas mostram, sobretudo, a forma como também havia, ali, um anseio indisfarçável pela visibilidade midiática. Durante os atos terroristas, os próprios

indivíduos envolvidos nos ataques aos prédios públicos filmaram diversas de suas ações. A intenção era exatamente a de espalhar aquele evento nas redes sociais, mostrando a concretização de um possível golpe. Nas redes – que também se configuram como lugar de entretenimento – o que se pretendia era desenvolver narrativas capazes de espetacularizar as ações daqueles agentes políticos. Trata-se de um fenômeno estudado por Hélder Prior (2020), que analisa como se dá a formação de certos personagens públicos interessados em conseguir a aprovação do público. Esses personagens contam com a ajuda de grupos de interesse que recorrem a estratégias específicas – como a atitude deliberada de confundir – para moldar a opinião das pessoas sobre determinado sujeito ou situação.

Com a predominância das emoções na era da pós-verdade, Prior ressalta como a manipulação se torna mais eficaz em um cenário de fatos distorcidos e falta de conhecimento, além de afirmar que a maneira de informar dos meios de comunicação pode influenciar essa formação de atores políticos. Isso pode ser observado na figura de Jair Bolsonaro perante seus apoiadores, e também na de seus aliados, que formaram uma ramificação abrangente na guerra de informações. Prior lembra que, de acordo com o escritor e jornalista Walter Lippmann (2003), “nas democracias modernas, a manipulação política por meio de símbolos que influenciam a opinião pública foi tecnicamente aprimorada e ampliada, alterando inevitavelmente o cálculo político e a indústria da persuasão” (LIPPMANN *apud* PRIOR, 2020, p. 51).

Como demonstram alguns dos trechos das produções abordadas, esse trabalho de manipulação observado durante a ascensão e o governo de Jair Bolsonaro, se deu por meio de ideologias próprias da narrativa bolsonarista, situadas no extremismo de direita. O respeito por símbolos do país como a bandeira e a camisa da Seleção Brasileira de Futebol, exalando patriotismo, virou um padrão e passou a substituir a civilidade democrática, a soberania da constituição e suas leis. A condição de fanáticos políticos, crentes nos lemas de JB, foi exposta nos documentários, de forma a revelar as sensações exacerbadas que caracterizaram coletivamente esses eleitores. Em *Extremistas.br*, que acompanha a rotina de alguns cidadãos naquele tempo tão marcado por delírios de toda ordem, evidencia-se, por exemplo, a reação negativa de alguns bolsonaristas a todo e qualquer acontecimento relacionado a eventuais tentativas de reprimir as forças da extrema direita, a fim de garantir a ordem minimamente.

Assim é que, aplicado aos documentários, o método de *descrição densa* de Clifford Geertz é utilizado, neste trabalho, para evidenciar, nesses produtos audiovisuais, alguns gestos reveladores de certas sensações por parte de grupos bolsonaristas – sensações que se alteram conforme o contexto de *fake news* e fanatismo. Nesse cenário, o que a *descrição densa* mostra, de forma efetiva, é uma *anomia social* – um adoecimento da sociedade, na concepção do

sociólogo Émile Durkheim – que, no universo dos grupos da extrema direita, revela-se em gestos similares para sensações distintas diante de um inimigo político, como se mostrará mais adiante.

Em sua análise, Durkheim entrelaça a desintegração das normas sociais à psicanálise para delimitar e explicar os comportamentos coletivos. Nascido na França, em 1858, sua preocupação era examinar de que forma a conduta ética poderia ser mantida na sociedade mesmo após transformações relevantes como a Revolução Industrial e o advento das tecnologias. Seu conceito de *anomia social* foi abordado em pelo menos duas de suas obras: *Da divisão do trabalho social* (1999) e *O suicídio* (2000). Do ponto de vista da divisão do trabalho, Durkheim afirma que há fatores que unem os indivíduos como, por exemplo, a coesão social, fundada no grau de consenso entre os indivíduos – o que ele chama de solidariedade. De acordo com o sociólogo, “o direito e a moral são o conjunto de vínculos que nos prendem uns aos outros e à sociedade, que fazem da massa de indivíduos um agregado e um todo coerente” (DURKHEIM, 1999, p. 420). Já na segunda obra aqui citada, o sociólogo francês discute o suicídio anômico como um fato social decorrente do mal-estar da sociedade moderna. Nela, esse sujeito pode perceber uma ausência de regras que deveriam orientar aquela sociedade à qual ele pertence – o que o faz perceber apenas o caos.

As perspectivas de Durkheim em ambas as obras remetem o leitor ao adoecimento da sociedade brasileira a partir do advento do bolsonarismo. Isso se revela, por exemplo, na maneira como certas declarações e atitudes de indivíduos da extrema direita se dão com o objetivo central de instaurar o caos e um ambiente de guerra. Falas e expressões em comum revelam também sentimentos coletivos que sinalizam para um adoecimento psíquico decorrente da guerra de informações e disseminação de *fake news*. A seguir, o conceito de *anomia social* de Durkheim, articulado à *descrição densa* de Geertz, será analisado a partir do entrelaçamento dessas emoções/sensações em meio aos acontecimentos políticos marcados pelo radicalismo no Brasil. Isso se dará a partir de algumas figuras que fizeram parte da guerra de informações e que acompanharam fielmente a ascensão e a queda de representantes da extrema direita nos últimos anos.

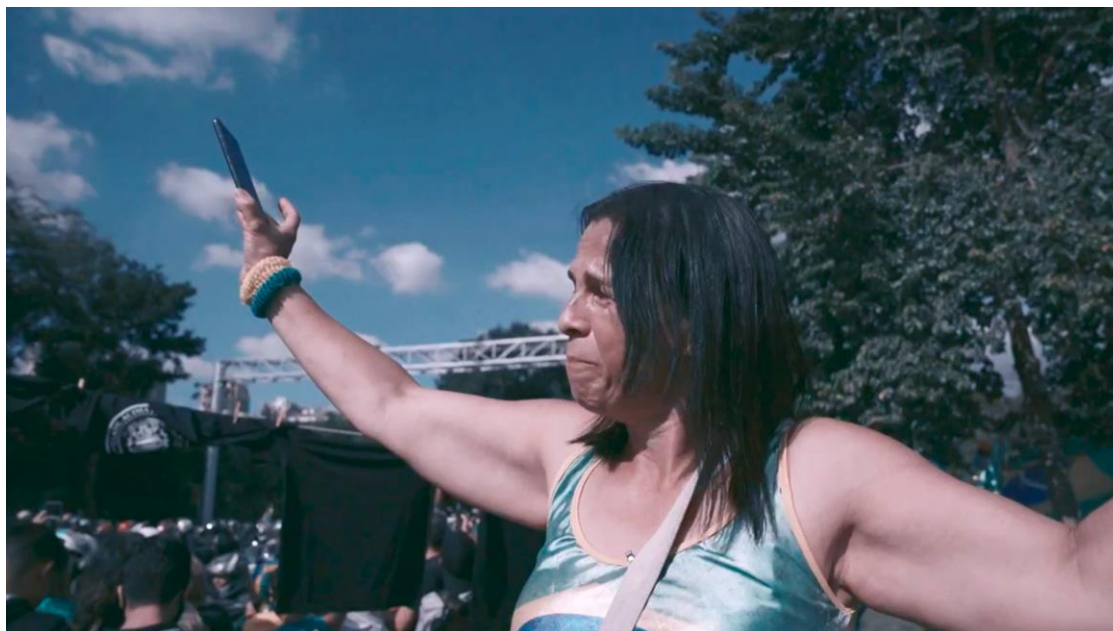
#### **4.1 - Anomia e ilusão**

Ilze Campos, ativista e motorista de ambulância, foi uma das eleitoras bolsonaristas presente às ruas durante as manifestações antidemocráticas, como mostrado no episódio *Desinformação e Dinheiro* da série *Extremistas.br*. Em uma de suas ações a favor do governo de JB, ela esteve na avenida Paulista instruindo outras pessoas a não usarem máscaras no período

da pandemia de Covid-19. Ao conversar com uma família, Ilze afirmou que o uso do acessório poderia aumentar o peso do pulmão por acúmulo de gás carbônico, causando mal à saúde. O incentivo à máscara, por parte de vários médicos e cientistas, visava, na verdade, diminuir a transmissão do vírus. Quando contrariada por eleitores adversos às ideologias de extrema direita, Ilze recorria a xingamentos e gritos. Mandava as pessoas irem para Cuba – país identificado com o comunismo e a esquerda radical pelos bolsonaristas e outras pessoas da extrema direita. Também debochava dos imunizantes ao sugerir a seus adversários que tomassem a “vacina da China” – país ao qual muitos bolsonaristas atribuíram a disseminação do vírus da Covid.

Já em novembro de 2022, a ativista recebeu, em suas redes, a notícia de um decreto emitido pelo Superior Tribunal Militar. Esse suposto decreto tratava de uma hipotética fraude de 234 seções eleitorais – o que parecia comprometer a lisura do processo de votação na urna eletrônica. A mensagem teria sido enviada por um general através de um grupo do WhatsApp. O tal decreto determinava ainda a dissolução das instituições dos Três Poderes e matinha JB como líder de um partido provisório até que novas eleições fossem realizadas.

**Figura 6:** Ativista Ilze Campos durante motociata de Bolsonaro, em junho de 2021



Fonte: Série “Extremistas.br – Episódio 5: Desinformação e Dinheiro” (2023), da Globoplay

Movida pelas fake news e teorias da conspiração, Ilze ficou bastante abalada ao imaginar o Brasil sem Jair Bolsonaro na presidência. Em junho de 2021, em meio à pandemia de Covid-19, ela havia até acompanhado uma motociata organizada por Jair Bolsonaro em São Paulo. Aos prantos, Ilze declarou a jornalistas que somente JB seria capaz de “levantar o país e livrar todos

do comunismo”. Ao falar de sua afeição pela pátria, ela explicou que se sentia como alguém “apaixonado” depois de encontrar o amor.

Na obra *Da divisão do trabalho social (1999)*, Durkheim observa como as sensações e sentimentos ligados à ilusão tendem a se separar do restante da consciência dos indivíduos. Além de Ilze, outros indivíduos engajados em movimentos destinados a mudar o país – e presentes nos atos antidemocráticos – demonstraram o mesmo tipo de sentimento: essa paixão pela pátria e pelos valores morais exaltados pela extrema direita. Essa postura transformou-se, como se viu, em ações caóticas e brutais contra o regime democrático.

Houve, ainda, aqueles que se arrependeram por terem acalentado a ilusão de que seriam recompensados por seus “ídolos” políticos. Foi o caso, por exemplo, da militante Sara Winter. Motivada pelas próprias crenças em ações típicas do extremismo da direita, ela foi surpreendida pelo descaso de seus ícones bolsonaristas em relação às acusações<sup>19</sup> que pesaram sobre ela no âmbito da Justiça. Experimentou, assim, a sensação de desilusão após se envolver em condutas criminosas para defender o interesse de grupos ligados a JB. Como afirma Durkheim, no estado de ilusão é que os sentimentos ganham força e acabam se descolando do restante da consciência. Diz ele:

[...] em certo sentido, somos nós mesmos que nos vingamos, nós que nos satisfazemos, pois é em nós e apenas em nós que se encontram os sentimentos ofendidos. Mas essa ilusão é necessária. Como, em consequência da sua origem coletiva, da sua universalidade, da sua permanência no tempo, da sua intensidade intrínseca, esses sentimentos têm uma força excepcional, eles se separam radicalmente do resto da nossa consciência, cujos estados são muito mais fracos. (DURKHEIM, 1999, p.73)

Parece certo, contudo, que a anomia presente em estado de ilusão acaba chegando em outra sensação: o medo.

#### 4.2 - Anomia e medo

Na figura 6, a empresária Rosângela Peçanha, de Niterói, no Rio de Janeiro, apresenta uma expressão tensa e de medo durante um almoço com sua família, em outubro de 2022, quando Bolsonaro saiu derrotado nas urnas por Lula. Em algumas de suas passagens ao longo do documentário *Extremistas.br*, ela chegou a protestar contra a prisão do ex-deputado Roberto

<sup>19</sup> Sara Winter foi presa em junho de 2020 no inquérito das manifestações democráticas após o então procurador-geral da República, Augusto Aras, pedir em 20 de abril do mesmo ano, uma investigação sobre os organizadores dos protestos contra o regime democrático. O Ministério Público Federal também denunciou a militante pelos crimes de injúria e ameaça contra o ministro do STF, Alexandre de Moraes. Ver mais em reportagem da CNN Brasil. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/mp-denuncia-sara-winter-por-injuria-e-ameaca-a-alexandre-de-moraes/>> Acesso em 07 out. 2024.

Jefferson, além de se disponibilizar para ir até Brasília tomar alguma atitude devido à discordância diante do resultado das eleições.

**Figura 7:** Empresária Rosângela Peçanha com expressão tensa em outubro de 2022



Fonte: Série “Extremistas.br – Episódio 8: Inimigos ou Adversários” (2023), da Globoplay

Assim como Rosângela, outros bolsonaristas presentes nos documentários aqui trabalhados apoiavam-se na concepção coletiva do movimento extremista. Formavam, assim, uma considerável massa popular que buscava agir de maneira associada, formando um todo. Durkheim também abordou esse sentimento na obra *Da divisão do trabalho social* (1999).

Eis por que, quando alguns indivíduos que possuem interesses em comum se associam, não é apenas para defender esses interesses, é para se associar, para não se sentir mais perdido no meio dos adversários, para ter o prazer de comungar, de formar com vários um só todo, isto é, enfim, para levar juntos uma mesma vida moral (DURKHEIM, 1999, p. 22)

Outra atitude de Rosângela foi viajar até a Costa Rica ao lado de Oswaldo Eustáquio, blogueiro bolsonarista que se intitulava como jornalista investigativo. Ele foi preso por quatro vezes naquele período por ordem do STF. A ideia da dupla era denunciar a última instância do poder Judiciário à Corte Americana de Direitos Humanos pela prisão do então deputado Daniel Silveira. Além disso, ela compareceu, em setembro de 2022, em Copacabana, num evento em que exibia um caixão com fotos de três ministros do STF: Alexandre de Moraes, Luis Roberto Barroso e Edson Fachin. “Se a gente realmente não ir para o front, acabou a nossa liberdade”, declarou à produção da série.

A empresária fala, ainda, de uma de suas principais pautas: a defesa do voto impresso, uma vez que, segundo ela, a falta de um comprovante do próprio voto seria a prova de que o sistema eleitoral vigente no Brasil não é seguro nem confiável. É uma atitude igualmente inspirada na postura de JB, que julgava o voto impresso auditável e a contagem pública como um direito de cidadania dos eleitores. Essas são, aliás, algumas das muitas *fake news* disseminadas pelo ex-presidente. Vídeos de possíveis fraudes sendo cometidas nas urnas eletrônicas foram outro fator que insuflou a massa de eleitores bolsonaristas a se rebelarem contra a eleição de Lula e a volta da esquerda ao poder Executivo, em 2022.

### 4.3 - Anomia e raiva

Amaury Castanho se apresenta como um jornalista que escreve para sites conservadores do Paraná. Também conta que é ex-assessor parlamentar e que trabalhou com compra e venda de minérios. Na imagem abaixo, aparece com uma expressão de raiva num momento em que discute, com outros dois indivíduos, numa mesa de café, a definição de “extrema direita”.

**Figura 8:** Ex-assessor parlamentar Amaury Castanho



Fonte: Série “Extremistas.br – Episódio 8: Inimigos ou Adversários” (2023), da Globoplay

Ao sustentar os próprios interesses em relação ao que julga ser melhor para a nação – e ao defender a organização de motins contra a esquerda –, Amaury Castanho passa a desafiar possíveis castigos e punições para aqueles que espalham conteúdos extremistas na web, em redes sociais como o Facebook: “Dane-se”. Ao mostrar algumas de suas páginas para a produção da

série, o ex-assessor se gaba do alcance de suas publicações virtuais que já chegaram, segundo ele, a uma média mensal de 30 a 40 milhões de visualizações antes de a conta passar a sofrer restrições do Facebook, por ferir as diretrizes da rede social.

Em setembro de 2022, ao comparecer a uma manifestação bolsonarista em Curitiba (PR), Amaury Castanho afirmou que sentia “muita saudade” dos tempos da ditadura militar, exaltando outra ideologia da extrema direita que, na lógica conservadora, está ligada à ideia de uma garantia da lei e da ordem através do militarismo. No último episódio da série, as faces mais extremas de Amaury passam a ser gradualmente reveladas à medida que as eleições se aproximam. É quando o ex-assessor se enfurece ainda mais contra os inimigos, chamando os apoiadores de Lula, por exemplo, de “vagabundos” e “vagabundas”.

A agressividade em seu discurso, no entanto, pode ser observada ao longo de todo o ano em vídeos postados virtualmente a fim de instigar o ódio de seus seguidores contra o que chamava, à época, de “esquerdopatia”. Ao estimular a desordem durante uma das manifestações antidemocráticas, realizada em 7 de setembro de 2022, em Curitiba (PR), na condição de candidato a deputado estadual do Paraná, o ex-assessor chegou a ser aclamado por uma multidão que acompanhava suas declarações de ataque aos inimigos políticos, excluindo o espaço de um possível debate democrático. Amaury Castanho, assim como outros eleitores radicais, expressava o desejo de estabelecer uma ordem moral em toda a sociedade, ignorando quaisquer pensamentos contrários de outros indivíduos e suas respectivas crenças políticas. Durkheim (1999) chama esse comportamento de método ordinário dos moralistas. Segundo o sociólogo, quando os sujeitos querem “determinar o valor moral de um preceito, começam por colocar uma fórmula geral da moralidade, a fim de, em seguida, confrontar com ela a máxima contestada” (DURKHEIM, 1999, p.7).

A raiva e o ódio manifestados por Amaury Castanho contagiaram outras pessoas que, pelas redes sociais, passaram a planejar uma possível instauração do caos caso Bolsonaro saísse derrotado nas urnas, o que de fato aconteceu. Assim como outros bolsonaristas, o ex-assessor também tentou fragilizar as instituições democráticas por meio de estratégias desenvolvidas nas plataformas digitais para reagir a cada nova publicação e às manifestações nas ruas. Essa vulnerabilidade dos órgãos que representam o regime democrático e a falta de legitimidade dos mesmos foi outro aspecto resultante do adoecimento psíquico de parte da sociedade.

A outra face desse adoecimento social está no fenômeno das *fake news* que, como já se mencionou aqui, se fez presente na rotina dos brasileiros durante uma guerra declarada de informações entre as instituições democráticas e seus adversários políticos, tomados como inimigos. Além do enorme volume de notícias falsas tantas vezes identificado pela própria



imprensa, um levantamento feito pela Poynter Institute<sup>20</sup>, escola de jornalismo e organização de pesquisas americana com apoio do Google, revelou, em agosto de 2022, que no Brasil, quatro em cada dez pessoas afirmaram ter recebido notícias falsas diariamente. A pesquisa foi realizada entre os dias 27 de junho e 20 de julho, meses antes da acirrada disputa presidencial entre JB e Lula.

Outro estudo<sup>21</sup>, também divulgado em 2022, desta vez realizado pelo NetLab da UFRJ, um laboratório de pesquisa da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO UFRJ), apontou que a circulação das notícias falsas aumentou consideravelmente em algumas redes sociais durante o segundo turno das eleições, em outubro de 2022, em comparação com o primeiro. O crescimento foi registrado nas plataformas do Telegram (23%), Whatsapp (36%) e Twitter (57%), sendo que a média diária das *fake news* aumentou de 196,9 mil antes do primeiro turno para 311,5 mil depois. O mesmo monitoramento mostrou os temas mais comentados no período eleitoral: integridade eleitoral, valores cristãos, descredibilização da imprensa, questões socioambientais e, por fim, gênero e família.

Nessa conjuntura, fica evidente como o fenômeno das *fake news* resultou em posturas de delinquência de forma coletiva durante os atentados em Brasília. Na ocasião, os indivíduos pareciam não compreender a relevância e legitimidade das normas sociais que regem o comportamento dos indivíduos – para além das leis da Constituição Federal de 1988 – de forma coerente para que os mesmos possam conviver em harmonia.

Como se vê, ao propor o conceito de *anomia social*, Émile Durkheim parecia prever as desordens contemporâneas a partir da evolução do mundo moderno. Isso antes mesmo de presenciar, por exemplo, o advento da internet e das redes sociais, transformados em ferramentas para difundir movimentos massivos e contribuir para a oposição radical de ideologias, como foi observado a partir do avanço do bolsonarismo no Brasil.

É assim que o antagonismo irrompe. Mas ele só pode se produzir nos casos raros e patológicos, que não podem durar sem perigo. Normalmente, os costumes não se opõem ao direito, mas, ao contrário, são sua base. Às vezes acontece, é verdade, que, sobre essa base, nada se eleva. Pode haver relações sociais que não comportam mais que essa regulamentação difusa originária dos costumes; mas é porque carecem de importância e de continuidade [...]. (DURKHEIM, 1999, p. 33)

Em suma, conclui-se que as sensações experimentadas de forma coletiva pelos eleitores bolsonaristas, como aquelas aqui citadas, resultaram de tentativas de desintegração das normas

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/4-em-cada-10-brasileiros-afirmam-receber-fake-news-diariamente/>> Acesso em 24 set. 2024.

<sup>21</sup> Disponível em: <<https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2022/10/27/fake-news-entenda-como-funciona-a-fabrica-desinformacao-politica-no-brasil.ghtml>> Acesso em 24. set. 2024.

sociais por parte de uma parcela dos brasileiros insatisfeita com as conquistas que beneficiaram as camadas mais pobres da população durante os governos petistas. Esse quadro de insatisfação resultou num cenário de violência sem precedentes contra a democracia. Na concepção de Durkheim, “esse apego a algo que supera o indivíduo, essa subordinação dos interesses particulares ao interesse geral, é a própria fonte de toda atividade moral” (1999, p. 21).

O combate a estes atos terroristas no próprio âmbito do governo revela, contudo, como as instituições democráticas do país continuam sólidas, resistindo a tentativas de fragmentação e regendo a sociedade civil como protagonista do Estado Brasileiro.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa recorreu a três produções audiovisuais – *Democracia em vertigem* (2019), dirigido por Petra Costa, *Extremistas.br* (2023), do diretor Caio Cavechini, e *Ato 18: O Golpe contra Lula* (2023), sob a direção do jornalista Luiz Carlos Azenha – para registrar um adoecimento social observado, principalmente, durante a gestão de Jair Bolsonaro (2018-2022). A partir desses registros, foi possível examinar a maneira como as *fake news*, no processo de ascensão das mídias sociais, estimularam um fanatismo político nos segmentos ligados à extrema direita. Esse fenômeno deu origem a um quadro de patologia social coletiva que afetou a democracia – e o evento mais revelador desse estado de coisas foram os ataques à Praça dos Três Poderes em 8 de janeiro de 2023.

Os apontamentos oferecidos pelos três documentários permitiram, aqui, uma análise dos reflexos de determinados eventos na atitude de algumas das figuras envolvidas nesses atos – sejam aquelas interessadas em instituir o caos, sejam aquelas que se deixaram conduzir pelas redes sociais, sejam aquelas que agiram como terroristas por meio da tentativa de golpe de Estado. A partir da compreensão desses fenômenos, discutiu-se a maneira como a alienação e a perda da racionalidade levaram grandes grupos de eleitores brasileiros a se manifestarem de forma adoecida, descolados da realidade, revelando traços de *anomia social*, um importante conceito trabalhado pelo sociólogo Émile Durkheim, para quem o mal-estar do mundo moderno é o grande operador dos contextos de instabilidade que conduzem as sociedades à desintegração das normas sociais instituídas.

A partir de algumas cenas e depoimentos presentes nos três documentários, foram selecionados certos modos de expressão dessa alienação e desse descolamento da realidade. Falas, gestos e expressões foram analisados, neste trabalho, através do método de *descrição densa* proposto pelo antropólogo Clifford Geertz. Baseada no detalhamento de algumas das ações dos sujeitos contemplados pelas produções audiovisuais – articulando-as a contextos sociais, culturais e históricos específicos –, a *descrição densa* permitiu um exame minucioso de alguns atos praticados por grupos bolsonaristas, sempre a partir do sentido que os sujeitos envolvidos deram às suas próprias ações. Esta monografia mostra, portanto, uma lógica interna de pensamento em operação.

Nessa perspectiva, revela-se que os meios de comunicação virtuais, como as redes sociais, serviram efetivamente como ferramenta política, nos últimos anos, para a escalada de teorias da conspiração, legitimação de ataques antidemocráticos e sequestro do espaço de debates políticos, o que culminou em um cenário de adoecimento psíquico, levando os indivíduos aos

ataques que revelaram a fragilidade à qual o regime democrático vigente foi exposto. O antipetismo e a rejeição à esquerda, estimulados pela mídia hegemônica, as alusões a um possível comunismo próximo, o incentivo a cenários caóticos e os discursos contra instituições democráticas transmitidos pelo próprio ex-presidente Jair Bolsonaro e seus aliados revelaram que há necessidade de uma vigilância constante, voltada para a preservação da democracia.

Neste quadro, as produções culturais são importantes instrumentos para a promoção de debates e esclarecimentos, principalmente no campo da política. As produções audiovisuais aqui discutidas contribuíram para novas reflexões a partir dos registros de memória que elas construíram acerca de acontecimentos muito relevantes na história recente do país. Os três documentários são três importantes registros não apenas para que os mesmos atos e enganações não se repitam em propostas políticas futuras, mas também para mostrar como se dão esses processos de adoecimento social. Os relatos dos próprios apoiadores da extrema direita, que foram para as ruas durante manifestações antidemocráticas, revelaram sensações coletivas como ilusão, raiva e medo – sentimentos que os levaram a desrespeitar a Constituição Federal de 1988, bem como as normas de civilidade que regem uma sociedade democrática. Insuflados pelas *fake news*, por discursos de ódio e ações de estímulo ao fanatismo, acabaram contribuindo para a formação de um cenário de caos em Brasília, ao aderirem à tentativa de golpe do 8 de janeiro.

Abordados de forma sequencial, a fim de estabelecer uma linha do tempo entre os eventos políticos, os documentários mostraram os resultados da construção da narrativa extremista, que levou milhares de pessoas às ações terroristas por não aceitarem a queda de JB e a vitória de Lula na disputa pelo cargo da Presidência da República nas eleições de 2022. Anseios pela desregulamentação do Estado junto aos acontecimentos que antecederam o atentado às sedes dos Três Poderes já indicavam um possível ato coletivo. No entanto, essas pessoas não foram contidas a tempo. Isso pode servir de alerta para quaisquer movimentos inspirados em anseios golpistas, principalmente aqueles organizados no ambiente virtual.

Essa desintegração das normas sociais que se deu de maneira consensual entre os bolsonaristas exprime como o conceito de Émile Durkheim pode explicar, pelo menos em parte, o processo de adoecimento social que afeta o indivíduo e a coletividade. Quando há problemas nos vínculos que ligam a sociedade, como ocorreu no Brasil com a ruptura com o governo de esquerda e a escalada de um governo de extrema direita, o que se revela é um descontrole da corrida pelo poder e dos meios utilizados para se alcançar esse poder. No limite, o convívio social fica comprometido – e isso está, em grande medida, relacionado à disposição de certos segmentos políticos de quebrar a ordem e de aderir à violência como método de disputa. Isso pode ser observado em vários dos episódios de violência extrema contidos nos documentários.

A abordagem que orienta este trabalho exigiu alguns procedimentos. O primeiro passo foi analisar as produções audiovisuais, identificando a ordem dos desdobramentos políticos da última década. Dentre os principais eventos abordados, estão a ascensão e queda da única mulher eleita presidente no país, Dilma Rousseff, a explosão de uma das maiores investigações de esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro, a Operação Lava-Jato, o anseio do setor econômico pela retomada de políticas liberais e a ascensão da figura de Jair Bolsonaro como representante da extrema direita. Ao longo da análise, o estudo buscou, esmiuçar os sentimentos revelados pelos eleitores na última década e explicar como esses sentimentos se inseriram no processo de adoecimento social. Isso se deu a partir do segundo passo, que foi selecionar os principais *takes* dessas produções audiovisuais como, por exemplo, retomar a linha do tempo da política brasileira desde a redemocratização, em *Democracia em Vertigem* (2019), os relatos de militantes e influenciadores bolsonaristas em *Extremistas.br* (2023) e, por fim, os acontecimentos mais caóticos que marcaram o país em *Ato 18 - O Golpe contra Lula* (2023). Ao articular esses fatos roteirizados com o conceito de *anomia social* de Durkheim, a partir do método de *descrição densa* de Geertz, esta pesquisa evidencia a maneira como as *fake news* se tornaram instrumentos poderosos para a promoção da violência política, confundindo os eleitores, e como as redes sociais intensificaram esse processo.

A ascensão de personagens políticos inspirados na figura de JB – e igualmente violentos – durante as últimas eleições, mostram que os pilares do discurso da extrema direita não foram derrotados. Ao contrário. Foram apenas transfigurados para novas narrativas que buscam da mesma maneira alcançar as massas e influenciar mais eleitores rumo à radicalização. Nessa conjuntura, esta monografia significa não apenas o encerramento de um ciclo acadêmico – marcado por memórias pessoais diante dos acontecimentos políticos aqui lembrados –, mas também o desejo de alertar para o caráter perverso das *fake news* nas sociedades e para o perigo das estratégias políticas que, fundadas especialmente nessas notícias mentirosas, pretendem adoecer o mundo e derrubar os regimes democráticos.

## REFERÊNCIAS

- ABRUCIO, Fernando. **O casamento da barbárie com o atraso**. 2022. Disponível em: <<https://valor.globo.com/eu-e/coluna/fernando-abrucio-o-casamento-da-barbarie-com-o-atraso.ghtml>>. Acesso em 16 jan. 2023
- ALVES, Maria Teresa Gonzaga. “Conteúdos ideológicos da nova direita no município de São Paulo: análise de surveys”. **Opinião Pública**, v. 6, n. 2, 2000, pp. 187-225.
- AQUINO, Jakson Alves de. Conservadorismo e ressentimento: duas fontes do antipetismo. In: SILVA, Emanuel Freitas da; FROTA, Francisco Horácio da Silva; SILVA, Maria Andrea Luz da (Orgs.). **Atores políticos e dinâmicas eleitorais**. Fortaleza: Edmeta, 2019. p. 232-273.
- ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. Tradução de Carlos de Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. Martins Fontes, São Paulo, 2000.
- AZEVEDO, Fernando Antônio. PT, eleições e editoriais da grande imprensa (1989-2014) . **Opinião Pública**, Campinas, vol. 24, nº 2, 2018, p. 270-290.
- BIGNOTTO, Newton. **Democracia e corrupção: a gênese de uma questão**. In: PANCERA, Carlo Gabriel Kszan (org). A democracia como problema filosófico. Belo Horizonte: Editora D’Plácido, 2019. ]
- CAPITAL, Carta. **9% dos eleitores admitem deixar de votar por medo de violência política, aponta pesquisa**. 2022. Disponível em:< <https://www.cartacapital.com.br/politica/9-dos-eleitores-admitem-deixar-de-votar-por-medo-de-violencia-politica-aponta-pesquisa/>>. Acesso em: 06 set. 2024.
- CNN. **4 em cada 10 brasileiros afirmam receber fake news diariamente**. 2022. Elaborada por Pedro Guimarães e Cleber Rodrigues. Disponível em: <[https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/4-em-cada-10-brasileiros-afirmam-receber-fake-news-diariamente/#goog\\_rewarded](https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/4-em-cada-10-brasileiros-afirmam-receber-fake-news-diariamente/#goog_rewarded)>. Acesso em: 24 set. 2024.
- DAMÉ, Cândice. Anomia e mal-estar no século XXI. **Revista CEPdePA**, v. 26, p. 141-164, 2019. Disponível em: <<https://cepdepa.com.br/wp-content/uploads/2020/04/11-C%C3%A2ndice-Dam%C3%A9-Anomia-e-mal-estar-no-s%C3%A9culo-XXI.pdf>> Acesso em 27 set. 2024
- D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news**. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- DURKHEIM, Émile. (1893). **Da divisão do trabalho social**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DURKHEIM, Émile. (1897). **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GALLEGO, Esther Solano (org). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação da cultura**. Rio de Janeiro: Zaar, 1989.
- GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: \_\_\_\_\_. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1989. cap. 1, p. 15-54.

GIRELLI, Luciana Silvestre. Discursos contra Lula e o PT: Expressões do ódio no cenário político brasileiro no pré-impeachment de Dilma Rousseff. **Revista Idealogando**, Pernambuco, ano 2, v. 2, n.2, 2018.

GLOBONEWS. **Estudo mostra que uso de fake news cresce no 2º turno; 'desinformação está mais complexa e sofisticada', diz pesquisadora**. 2022. Elaborada por Laís Borges. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/estudo-mostra-que-uso-de-fake-news-cresce-no-2o-turno-desinformacao-esta-mais-complexa-e-sofisticada-diz-pesquisadora.ghtml>>. Acesso em: 16 set. 2024.

GOMES, Wilson. Desinformação e fanatismo na era da superabundância de informação. **Revista Cult**, São Paulo, 2020.

GRANIER, Jean. **Nietzsche**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

LÍSIAS, Ricardo. **Diário da catástrofe brasileira: Ano I, O inimaginável foi eleito**. Record, Rio de Janeiro, 2020.

LÍSIAS, Ricardo. **Diário da catástrofe brasileira: Ano II, Um genocídio escancarado**. Record, Rio de Janeiro, 2021.

LOPES, Paula Cunha. “As expressões nervosas da presidente”: estereótipos de gênero na Revista Istoé e a repercussão com a hashtag #IstoÉMachismo. **XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** - Intercom, São Paulo (SP), 05 a 09/09/2016. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0893-1.pdf>>. Acesso em 19 jun 2024

MÜLLER, Bruno Frederico. **‘Por que o bolsonarismo é um fascismo’**, Entendendo Bolsonaro. 2020. Disponível em: <<https://entendendobolsonaro.blogosfera.uol.com.br/2020/06/30/por-que-o-bolsonarismo-e-um-fascismo/>> Acesso em 16 jan 2023.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano, Demasiado Humano**. Companhia das Letras, 2005.

NEIBURG, Federico. **Os intelectuais e a invenção do Peronismo**. Coleção Ensaios Latino-americanos. São Paulo: Edusp, 1997.

PAÍS, El. **OEA calcula que 5.000 venezuelanos deixaram o país a cada dia em 2018**. 2019. Elaborado por Pablo Guimón e Tom C. Avendaño. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/08/internacional/1552066560\\_866027.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/08/internacional/1552066560_866027.html)>. Acesso em: 16 set. 2024.

PEIXOTO, Maria Eduarda Gonçalves. A narração ideológica do escândalo da Petrobrás: análise discursivo-textual dos processos de referenciação em mídia corporativa e alternativa. **Revista Discurso e Sociedad**, vol. 14, n. 2, 2020, p. 286-208. Disponível em: <[http://www.dissoc.org/es/ediciones/v14n02/DS14\(2\)GoncalvesPeixoto.pdf](http://www.dissoc.org/es/ediciones/v14n02/DS14(2)GoncalvesPeixoto.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2024.

PEREDA, Cristina F. **Uma ponte de Selma a Ferguson**. El País, 2015. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/15/cultura/1421353308\\_609057.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/01/15/cultura/1421353308_609057.html)>. Acesso em: 5 set. 2024

PIMENTA, Olímpio. Como devemos viver? Duas formulações a partir do Livro I da “República”. **Revista Kriterion**, Belo Horizonte, n.144, dez/2019, p.651-669.

PRIOR, Helder. La manufactura del consenso: ‘spin doctoring’ y propaganda en la era de la pos verdad. **Revista Más Poder Local**, n. 42, 2020, p. 49-57. Disponível em: <https://docslib.org/doc/5123682/la-manufactura-del-consenso-spin-doctoring-y-propaganda-en-la-era>. Acesso em: 25 ago. 2024.

RIBEIRO, Márcio Moretto. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In: GALLEGO, Esther Solano (org). **O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Bolsonarismo: Da guerra cultural ao terrorismo doméstico: Retórica do ódio e dissonância cognitiva coletiva**. Belo Horizonte: Autêntica, 2024.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

SOUZA, Jessé. **A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado**. Rio de Janeiro: Leya, 2016.

STANLEY, Jason. **Como funciona o Fascismo: a política do “nós” e “eles”**. São Paulo: L&PM Editores, 2018.

TELLES, Helcimara. A Direita Vai às Ruas: o antipetismo, a corrupção e democracia nos protestos antigoverno. Edição “Crise Política”, **Ponto e Vírgula - PUC SP**, ed. 19, 2016.

TERRA. **Bolsonaro faz ataques contra a Globo na TV e na web, torce pelo "ladrão"**. Terra, São Paulo, [1 out 2022]. Disponível em: <[https://www.terra.com.br/diversao/tv/bolsonaro-faz-ataques-contr-a-globo-na-tv-e-na-web-torce-pelo-ladrao,9e0a34abec8997de23674f36bca2119cvpsn3ay1.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/diversao/tv/bolsonaro-faz-ataques-contr-a-globo-na-tv-e-na-web-torce-pelo-ladrao,9e0a34abec8997de23674f36bca2119cvpsn3ay1.html?utm_source=clipboard)> Acesso em 17 jan 2023

ZANATTA, Rafael. Fake news. Ambiência digital e os novos modos de ser. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, n. 520, 2018, p. 26. Disponível em: <<https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao520.pdf>. > Acesso em: 25 ago. 2024.